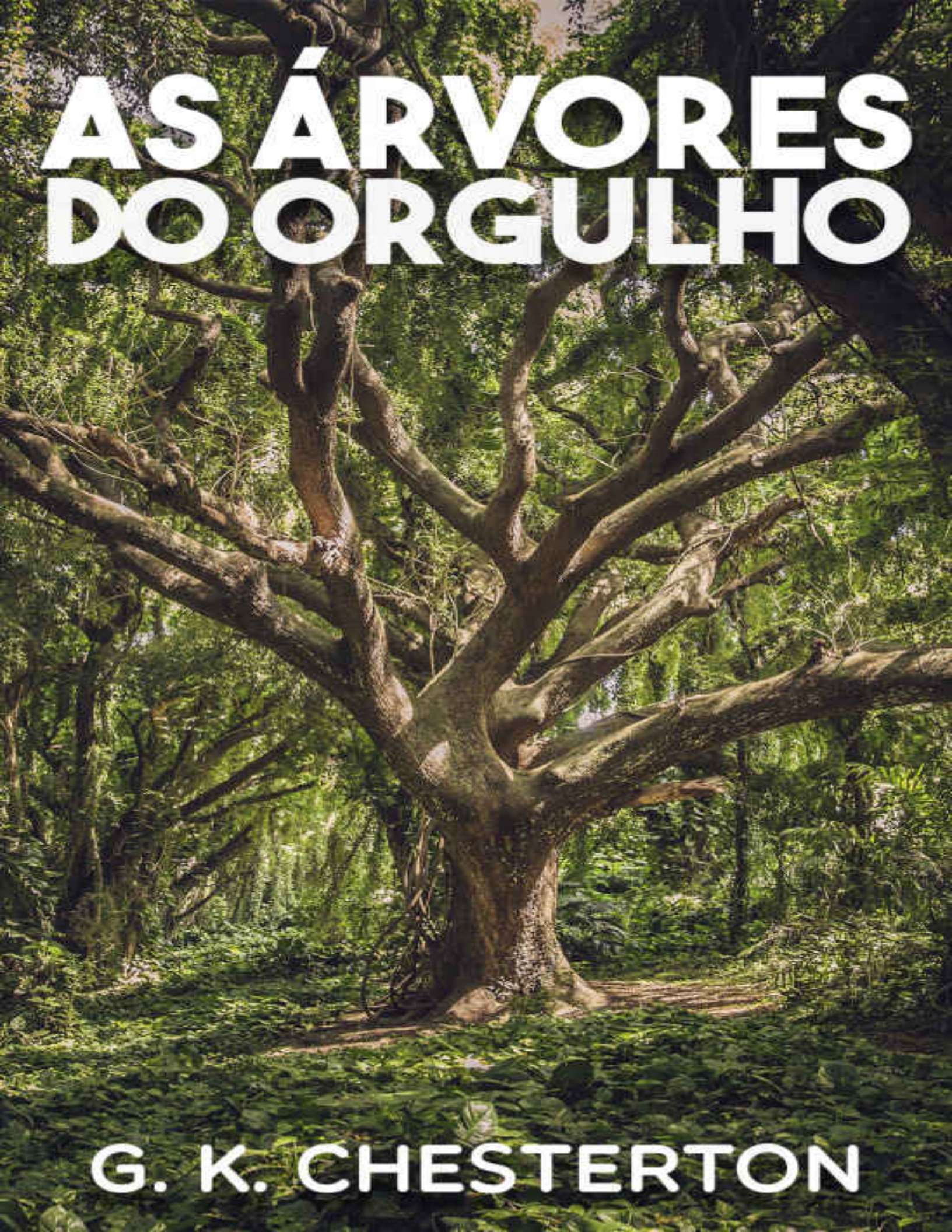
AS ÁRVORES DO ORGULHO



G. K. CHESTERTON

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by ePubtoPDF

As Árvores do Orgulho

Gilbert Keith Chesterton

Índice

Página do título
Nota do tradutor
I. A HISTÓRIA DAS ÁRVORES DE PAVÃO
II. A APOSTA DO SQUIRE VANE
III. O MISTÉRIO DO POÇO
IV. A BUSCA PELA VERDADE
Agradecimentos

Nota do tradutor

O texto original foi publicado por Gilbert Keith Chesterton em 1922. O texto base desta tradução foi extraído do Projeto Gutenberg, e se encontra disponível gratuitamente em seu website. O conteúdo original está em domínio público. A tradução, por outro lado, tem seus direitos reservados.

Tradução de Arlindo Ferretti Junior.
Para novidades: https://bit.ly/listaferretti

I. A HISTÓRIA DAS ÁRVORES DE PAVÃO

Squire[1] Vane era fruto de uma educação inglesa e de raízes irlandesas. Sua formação inglesa, em uma grande escola pública, havia mantido seu intelecto em um estágio de perfeita e permanente adolescência. Mas as suas raízes irlandesas, inconscientemente, instalaram nele a típica solenidade de um rapaz mais maduro, e algumas vezes lhe concediam a vivaz aparência de uma criança levada. Ele tinha uma impaciência orgânica que já lhe havia pregado peças, quase contra sua vontade, além de ter lhe rendido fracassos esplêndidos no serviço civil e diplomático. É verdade que a conciliação é a chave da política britânica, especialmente no que diz respeito a religiões da Índia; mas as tentativas de Vane de agradar aos muçulmanos tirando um de seus sapatos nos portões da mesquita, não soara como um indicativo de verdadeira imparcialidade, senão como algo que poderia ser apenas qualificado como indiferença. É também verdade que um aristocrata inglês não consegue compreender os sentimentos de nenhuma das partes em uma disputa entre um judeu russo e um ortodoxo carregando relíquias; mas a ideia de Vane de que a procissão poderia também carregar o judeu, ele mesmo uma venerável relíquia histórica, foi mal interpretada pelos dois lados. Em resumo, era um homem que tinha um particular orgulho de não crer em tolices; por isso estava sempre cometendo tolices. Ele parecia estar de cabeça para baixo apenas para provar que era cabeça-dura[2].

Ele havia acabado de aproveitar um farto café da manhã, na companhia de sua filha, em uma mesa sob a árvore do seu jardim na costa da Cornualha[3]. Por sua ótima saúde, ele insistia na maior quantidade possível de refeições externas, embora a primavera mal tivesse tocado os bosques e esquentado os mares que rodeavam a extremidade sul da Inglaterra. Sua filha Bárbara, uma bela moça de pesados cabelos vermelhos e rosto tão sério quanto o das estátuas do jardim, manteve-se parada, como aquelas mesmas estátuas, quando seu pai se levantou. Ele era uma figura magra e alta, metida em roupas claras, com seu cabelo branco e bigode que, balançando ao vento, revelava um rosto bem-humorado, carregando um chapéu Panamá, ao tempo que atravessava o terraço a passos largos, descendo alguns degraus de pedra cercados por certas urnas antigas, em direção a um caminho rodeado por pequenas árvores, direcionando-se, então, por uma estrada em zigue-zague, que levava do penhasco até a praia, onde ele esperava encontrar um convidado que vinha em um barco. Um iate já estava na baía azul, e ele podia ver um barco zarpando em direção ao pequeno cais pavimentado.

Mesmo naquela curta caminhada entre a relva verde e as areias amarelas, ele estava destinado a ter sua cabeça-dura convertida numa coisa que o mundo tende a chamar de cabeça-quente. O fato era que os camponeses córnicos, que compunham o inquilinato e formavam os estabelecimentos locais, estavam longe de ser pessoas que não acreditavam em tolices. Havia, pois, uma grande quantidade de tolices entre eles: com fantasmas, bruxas e tradições tão antigas quanto Merlin[4], eles pareciam cercá-lo com um anel de fadas[5] de tolices. Mas o círculo mágico tinha um centro: havia um ponto para o qual a sinuosa conversa daqueles homens rústicos sempre voltava. Era um ponto que sempre deixava o squire exasperado, e mesmo nessa curta caminhada ele estava sendo atingido por este ponto a todo

momento. Ele parou antes de descer os degraus do pátio, para falar com o jardineiro sobre o cultivo de alguns arbustos exóticos, e o jardineiro parecia extremamente contente, em cada linha de seu rosto moreno, com a oportunidade de revelar que ele tinha formado uma opinião rasa sobre os arbustos exóticos.

- Gostaríamos que você se livrasse do que tem aqui, senhor, - ele afirmou, enquanto cavava de forma obstinada - nada vai crescer direito com eles aqui.

- Arbustos! - disse o squire, rindo -. Você não chama as árvores pavão de arbustos, chama? Árvores bonitas e altas... deveria ter orgulho delas!

- As ervas daninhas crescem depressa - observou o jardineiro -, ervas daninhas crescem como casas quando alguém as planta.

Então, adicionou:

- O semeador do joio na Bíblia[6], squire.

- Ah, que se exploda a sua... - começou Squire, e depois substituiu a mais apropriada e aliterativa palavra “Bíblia”, pela palavra geral “superstição”. Ele era um profundo racionalista, mas comparecia à Igreja para servir de exemplo aos inquilinos. Exemplo de que, ele teria ficado em apuros se o tivesse de dizer.

Descendo um pouco mais o caminho entre as árvores ele encontrou um lenhador, um tal de Martin, que foi mais explícito em sua queixa. Sua filha estava naquele tempo gravemente doente, com uma febre que, recentemente, havia se tornado comum naquela costa, e o squire, que era um cavalheiro bondoso, normalmente tinha paciência com pessoas desanimadas e de mal humor. Mas ele ficou perto de perder as estribeiras quando o camponês persistiu em conectar sua tragédia à monomania tradicional sobre as árvores exóticas.

- Se ela estivesse bem eu a tiraria daqui - disse o lenhador -, já que não podemos movê-las, eu suponho.

Gostaria apenas de meter o meu machado nelas e ouvi-las caindo no chão.

- Alguns dizem que elas são dragões - disse Vane.

- E é isso mesmo que elas parecem - respondeu Martin -, olhe para elas.

O lenhador era naturalmente uma figura mais áspera, e ainda mais selvagem, do que o jardineiro. O seu rosto também era castanho, a parecer um pergaminho antigo, e estava enquadrado num arranjo esquisito de barba de corvo e bigodes, o que foi moda há cinquenta anos, que bem poderiam ser cinco mil anos ou mais. Fenícios, alguém poderia sugerir, chegando naquelas praias estranhas na alvorada do mundo, possivelmente teriam penteado ou encaracolado ou trançado seus cabelos pretos em padrões tão pitorescos. Esta parcela da população era tanto um canto da Cornualha como a Cornualha é um canto da Inglaterra; uma raça trágica e única, pequena e de parentela com um clã celta. O clã era mais antigo do que a família Vane, ainda que isso significasse ser mais antigo do que as famílias do condado costumavam ser. Pois em muitas partes da Inglaterra os aristocratas são os últimos a chegar. Aquele homem era de um tipo que deveria estar se acabando, e que talvez já tenha acabado.

Os objetos insuportáveis estavam a uns cem metros do interlocutor, que apontava para eles com seu machado; e havia algo sugestivo na comparação. Aquela costa, para começar, estendendo-se na direção Oeste, era quase tão fantástica quanto uma nuvem ao pôr-do-sol. Foi recortada contra a esmeralda ou o anil do mar, em chifres de pedra e luas crescentes, que deve ser a forma, ou o molde, de algumas dessas serpentes com cristas; por baixo, era perfurada e marcada por cavernas e fendas, como se fosse pelo trabalho de alguns vermes titânicos. Sobre essa arquitetura draconiana da terra, um véu de bosques cinzentos, suspensos como um vapor, uma vegetação que a ação do mar tinha, como de costume, tanto arruinado como

deformado. À direita, as árvores seguiam ao longo do mar em uma única linha, cada uma desenhada em traços finos e selvagens, como uma caricatura. Na outra ponta de sua extensão, se multiplicava em um amontoado de árvores corcundas, uma vegetação que se projetava sobre uma parte da costa alta. Era este o local para o qual tantos olhos e mentes voltavam-se automaticamente.

Do meio deste bosque baixo, mais ou menos nivelado, surgiam três caules separados que se elevavam em direção ao céu, como um farol surge das ondas, ou uma torre de igreja dos telhados da aldeia. Formavam uma trinca de colunas próximas uma da outra, que pode muito bem ser a mera bifurcação, ou melhor, trifurcação, de uma árvore, sendo a parte inferior perdida ou afundada na mata densa ao redor. Tudo nelas sugeria algo mais estranho e mais austral do que qualquer coisa, mesmo naquela última península da Grã-Bretanha, que se aproxima mais da Espanha, África, e das estrelas do sul. A sua folhagem emplumada brotava diante da ténue névoa amarelo-esverdeada à sua volta, e era de outro e menos natural verde, tingida de azul, como as cores de um martim-pescador. Contudo, era possível imaginar as escamas de um dragão de três cabeças, que se elevava sobre um rebanho assustado e em fuga.

- Lamento muito que a sua filha não esteja bem - disse Vane, em poucas palavras. - Sério... - e continuou a descer a estrada íngreme.

O barco já estava preso ao pequeno cais de pedra, e o barqueiro, uma cópia mais jovem do lenhador - e, na verdade, um sobrinho daquele útil descontente - saudou o senhor local com a frieza formal da família. O squire respondeu casualmente, e logo esqueceu todas essas coisas, apertando a mão do convidado que acabara de desembarcar. O visitante era um homem alto, solto, muito magro e de porte jovem, cujas longas e finas feições sugeriam serem totalmente compostas de ossos e nervos, e

pareciam, de alguma forma, contrastar com o seu cabelo, que se exibia em madeixas amarelas vivas, sobre as suas têmporas cavas, nas bordas do seu branco chapéu de praia. Ele estava cuidadosamente vestido com um gosto requintado, embora viesse direto de uma viagem marítima considerável; carregava algo em sua mão que, em suas longas viagens à Europa, e ainda mais longas visitas à Europa, ele quase se esquecera de chamar de maleta.

O Sr. Cyprian Paynter era um americano que vivia na Itália. Havia muito mais a dizer sobre ele, pois era um cavalheiro muito perspicaz e culto; mas esses dois fatos cobririam, talvez, a maioria dos outros. Mantendo sua mente como um museu das maravilhas do Velho Mundo, mas todo iluminado, como por uma janela, pelas maravilhas do Novo, ele havia se apossado de alguma coisa da peculiar posição crítica de Ruskin ou Pater[7], e era ainda mais famoso como um descobridor de poetas menores. Ele era um descobridor criterioso, e não transformou todos os seus poetas menores em profetas maiores. Se os seus gansos eram cisnes, não eram todos cisnes de Avon[8]. Ele havia até mesmo incorrido na mortífera suspeita de classicismo ao se diferenciar dos seus jovens amigos, os Poetas Pontuistas, quando eles produziram uma versificação composta exclusivamente de vírgulas e dois pontos. Ele tinha uma simpatia mais humana pela chama moderna, acesa desde as brasas da mitologia celta, e foi na realidade o recente aparecimento de um poeta córnico, uma espécie de paralelo dos novos poetas irlandeses, que o tinha trazido nesta ocasião à Cornualha. Ele era, de fato, demasiado bem educado para permitir a um anfitrião adivinhar que qualquer prazer estava a ser procurado fora da sua própria hospitalidade. Ele tinha um convite de longa data de Vane, que conheceu no Chipre nos dias de diplomacia não-diplomática; e Vane não sabia que as relações só tinham sido assim renovadas depois que o crítico tinha lido *Merlin e*

Outros Versos, obra de um novo escritor, chamado John Treherne. Squire nem sequer chegou a perceber a diplomacia muito mais diplomática, pela qual tinha sido induzido a convidar o bardo local para almoçar, no mesmo dia da chegada do crítico americano.

O Sr. Paynter ainda estava de pé com sua maleta, a contemplar, em estado de transe e autenticamente admirado, os penhascos encravados, encimados pelo cinzento e grotesco bosque, e finalmente coroados pelas três árvores fantásticas.

- É como naufragar na costa do país das fadas - disse ele.

- Espero que não tenhas naufragado muito - respondeu o seu anfitrião, sorrindo -. Eu imagino que o Jake aqui tenha cuidado muito bem de você.

O Sr. Paynter olhou para o barqueiro e sorriu também.

- Tenho receio... - ele disse -, que o nosso amigo não esteja tão entusiasmado com esta paisagem quanto eu.

- Oh, as árvores, suponho! - disse Squire, cansado.

O barqueiro era por ofício um pescador; mas como sua casa, construída de madeira negra de alcatrão, estava a poucos metros da floresta, a apenas alguns passos do píer, ele era empregado, em tais ocasiões, como uma espécie de barqueiro. Ele era um jovem grande de cabelos negros, geralmente silencioso, mas algo parecia agora o incentivar a falar.

- Bem, senhor - disse ele -, toda a gente sabe que não é natural. Toda a gente conhece as árvores do mar e as derruba, quando elas são apenas árvores. Estas coisas prosperam como uma grande alga marinha maligna, que não pertencem à terra. É como... se a maldita serpente marinha tivesse subido à terra, squire, e estivesse a comer tudo.

- Há uma lenda estúpida, - disse Squire Vane, cruamente -. Mas suba para o jardim; quero te apresentar a minha filha.

Quando, no entanto, chegaram à pequena mesa debaixo da árvore, afinal de contas, a jovem aparentemente imóvel havia se retirado, e passou algum tempo até que eles a encontraram. Ela havia se levantado, embora languidamente, e vagava lentamente pelo caminho superior do jardim-terraço, olhando para o caminho baixo, que se aproximava da porção principal da pequena floresta junto ao mar.

A sua languidez não era de debilidade, mas de uma plenitude de vida, como a de uma criança meio acordada; ela parecia se esticar e desfrutar de tudo, sem notar nada. Ela passou pelo bosque, onde, no emaranhado cinza, desaparecia, através de uma abertura escura, um único caminho pálido. Ao longo desta parte do terraço havia algo um tipo de muralha baixa ou balaustrada, embelezada com flores intercaladas; e ela se inclinava sobre ela, olhando para baixo, para outro vislumbre do mar resplandecente atrás do torrão de árvores, e para outro caminho irregular, que descia até o cais e a cabana do barqueiro, na praia.

Ao olhar, sonolenta o suficiente, ela viu que uma figura estranha estava subindo muito energicamente o caminho, aparentemente vindo do chalé do pescador; tão energicamente que um momento depois saiu por entre as árvores, e ficou no caminho logo abaixo dela. Não só era uma figura estranha para ela, mas um pouco estranha em si mesma. Era a de um homem ainda jovem, e parecendo de alguma forma mais jovem do que a sua própria roupa, que não só era velha, mas antiquada; eram tecidos bastante comuns, mas costurados de uma forma pouco usual. Ele usava o que era presumivelmente uma peça levemente impermeável, talvez por ter saído do mar; mas era segurada na garganta por um botão, e estava suspenso, com mangas e tudo, mais como um manto do que como um casaco. Descansava a mão ossuda sobre um bastão preto; sob a sombra do seu chapéu largo, estava o seu cabelo negro, dependurado num tufo ou dois. Seu rosto, que era moreno,

mas bastante bonito em si mesmo, carregava algo que poderia ser um sorriso um pouco embaraçado, mas tinha muito a cara de um deboche.

Se este ser era um vagabundo, um invasor, ou um amigo de alguns dos pescadores ou lenhadores, Bárbara Vane não foi capaz de adivinhar. Ele tirou seu chapéu, ainda com seu inalterado e bastante sinistro sorriso, e disse civilizadamente:

- Com licença. O squire me convidou para vir.

Neste momento ela avistou Martin, o lenhador, que vinha pelo caminho, desbastando as árvores finas; e o estranho lhe fez uma saudação familiar com um dedo.

A jovem não sabia o que dizer.

- Vieste por acaso cortar madeira? - perguntou ela finalmente.

- Viria, se fosse eu um homem tão honesto - respondeu à estranha. - Martin é, eu suponho, um primo distante; nós, que habitamos por aqui, somos quase todos parentes, sabe? mas eu não corto madeira. Eu não corto qualquer coisa, exceto, talvez, alcaparras. Eu sou, por assim dizer, um *jongleur*.

- Um o quê? - perguntou a Bárbara.

- Um menestrel[9], podemos dizer? - respondeu o recém-chegado, e olhou para ela com mais firmeza. Durante um silêncio bastante estranho, os seus olhos repousaram um sobre o outro. O que ela viu já foi notado, embora por ela, em qualquer instância, não foi minimamente compreendido. O que ele viu foi uma mulher decididamente bela, com um rosto escultural, e cabelos que brilhavam ao sol, como um capacete de cobre.

- Você sabia - ele continuou -, que neste velho lugar, centenas de anos atrás, um *jongleur* pode realmente ter ficado onde eu estou, e uma senhora pode realmente ter olhado por cima daquela parede e jogado dinheiro para ele?

- Queres dinheiro? - perguntou ela, ainda confusa.

- Bem - arriscou-se o estranho -, no sentido de precisar dele, talvez, mas temo que agora não haja lugar para um menestrel, exceto para um menestrel negro. Tenho de pedir desculpa por não ter colorido meu rosto[10].

Ela riu-se um pouco na sua perplexidade, e disse:

- Bem, eu acho que não precisas fazer isso.

- Você acha que os nativos aqui já são suficientemente negros, talvez - ele observou calmamente. - Afinal, somos aborígenes, e somos tratados como tal.

Ela lançou um comentário desesperado sobre o tempo ou a paisagem, e se perguntou o que aconteceria a seguir.

- A perspectiva é certamente bela - consentiu ele, da forma ainda enigmática. -Só há uma coisa sobre a qual eu tenho dúvidas.

Enquanto ela estava em silêncio, ele levantou lentamente o seu longo bastão preto, e apontou-o para as árvores de pavões, acima da mata. Um sentimento estranho de inquietação caiu sobre a menina, como se, por aquele mero gesto, ele estivesse fazendo um ato destrutivo, e pudesse lançar uma praga sobre o jardim.

O silêncio tenso e quase doloroso foi quebrado pela voz do squire Vane, alto, mesmo que ainda distante.

- Não sabíamos onde estava, Bárbara - disse ele. - Este é o meu amigo, o Sr. Cyprian Paynter.

No momento seguinte ele viu o estranho e parou, um pouco confuso. Apenas o próprio Sr. Cyprian Paynter estava compreendendo a situação. Ele tinha visto há meses um retrato do novo poeta da Cornualha, em alguma revista literária americana, e, para sua surpresa, poderia agora ser o introdutor, em vez do introduzido.

- Não conheces, squire - disse ele com considerável espanto -, o Sr. Treherne? Eu supunha, é claro, que ele era um vizinho.

- Prazer em vê-lo, Sr. Treherne - disse o squire, recuperando as suas maneiras com uma certa confusão

cordial. – Estou contente que podes vir. Este é o Sr. Paynter, minha filha -, e, virando-se com um certo embaraço, ele abriu caminho para a mesa debaixo da árvore.

Cyprian Paynter seguiu, resolvendo interiormente um quebra-cabeças, que até à sua experiência apanhou de surpresa. O americano, se intelectualmente um aristocrata, ainda era social e subconscientemente um democrata. Nunca lhe passou pela cabeça que o poeta tivesse a sorte de conhecer o squire, e que este não conhecesse o poeta. A honesta e ostensiva acolhida de Vane foi algo que fez Paynter sentir que ele era, afinal de contas, um eLivros na Inglaterra.

Squire, antecipando as dificuldades do almoço com o desconhecido homem de letras, tinha tratado o caso com prudência, do seu próprio ponto de vista. A sociedade do distrito poderia ter feito o convidado sentir-se como um peixe fora d'água; e, com exceção do crítico americano e do advogado e médico locais, pessoas dignas da classe média que se encaixaram no quadro, ele tinha mantido tudo como numa festa de família. Ele era viúvo, e quando a refeição foi servida na mesa do jardim, foi Bárbara quem a presidiu como anfitriã. Tinha o novo poeta à direita, o que a deixava muito desconfortável. Ela tinha praticamente oferecido dinheiro ao falso *jongleur*, e isso não lhe facilitou a oferta de almoço.

- A gente rural toda enlouqueceu - anunciou Squire -, por conta das últimas notícias locais sobre esta nossa lenda infernal.

- Eu coleciono lendas - disse Paynter, sorrindo. - Deves lembrar que ainda não tive a oportunidade de coletar as tuas. E isto, - acrescentou ele, olhando à volta da costa romântica -, é um belo teatro para um drama.

- Oh, é dramático de sua forma - admitiu Vane, não sem uma desvanecida satisfação -. É tudo sobre aquelas coisas ali a que chamamos árvores de pavões, suponho que por causa da cor esquisita da folha, sabe, embora eu tenha

ouvido que elas fazem um barulho estridente quando ocorrem ventos fortes, que dizem ser como o grito de um pavão; algo como um bambu na estrutura botânica, talvez. Bem, essas árvores devem ter sido trazidas da Berbéria[11] pelo meu antepassado Sir Walter Vane, um dos patriotas, ou piratas Elizabetanos, ou o que quer que lhes chamem. Dizem que no final de sua última viagem, os aldeões se reuniram na praia lá embaixo e viram o barco parado no mar, e as novas árvores se levantaram no barco como um mastro, todas imponentes, com folhas fora de época, como uma bandeira verde. E enquanto observavam, eles pensaram no início que o barco estava navegando de maneira esquisita, e depois que ele não estava navegando, de maneira nenhuma; e quando finalmente ele se chegou à costa, todos os homens naquele barco já estavam mortos, e Sir Walter Vane, com sua espada desembainhada, estava encostado no tronco da árvore, tão rígido quanto a árvore.

- Ora isto é bastante curioso - comentou Paynter pensativamente -. Eu disse que colecionava lendas, e imagino poder te contar o início da história de que isso é o fim, embora venha de centenas de quilômetros para lá do mar.

Ele bateu meditativamente na mesa com seus dedos finos e afilados, como alguém tentando se lembrar de uma música. Ele tinha, de fato, feito um *hobby* de tais fábulas, e não faltava com a vaidade ao contá-las com seu toque artístico.

- Oh, conte-nos a sua parcela? - exclamou Bárbara Vane, de quem o ar de sonolência ensolarada parecia, em algum grau vago, ter saído.

O americano curvou-se sobre a mesa com uma cortesia séria, e começou a brincar ociosamente com um anel pitoresco no seu longo dedo enquanto falava.

- Se você descer para a costa da Berbéria, onde a última fatia da mata se estreita entre o deserto e o grande

mar sem maré, você encontrará os nativos ainda contando uma estranha história sobre um santo da Idade das Trevas. Lá, na fronteira crepuscular do continente negro, você sente a Idade das Trevas. Eu só visitei o lugar uma vez, embora ele esteja, por assim dizer, em frente à cidade italiana onde vivi por anos, e ainda assim você dificilmente acreditaria como a transformação e a transmigração deste mito, de alguma forma, pareciam menos loucas do que ele realmente é, com a floresta repleta de barulhos de leões à noite, e aquela solidão vermelha escura, mais além. Dizem que o eremita São Securis, vivendo ali entre as árvores, cresceu amando-as como companheiras; pois, embora fossem robustos gigantes com muitos braços como Briareu[12], eram criaturas brandas e inocentes; não devoravam como os leões, mas abriam seus braços a todos os passarinhos. O santo rezava para que de vez em quando elas fossem liberadas para caminharem, como outras criaturas. E as árvores se moviam por conta das orações de Securis, como se estivessem nos cânticos de Orfeu. Os homens do deserto foram atingidos de longe pelo medo, vendo o santo caminhar com um bosque ambulante, como um professor de escola com seus alunos. Mas as árvores eram assim libertadas sob estritas condições de disciplina. Deveriam voltar ao som do sino do eremita e, sobretudo, copiar as feras selvagens apenas para caminhar, e não para destruir e devorar tudo. Pois bem, diz-se que uma das árvores ouviu uma voz que não era a do santo; que no crepúsculo verde quente de uma noite de verão, tomou consciência de alguma coisa sentada e falando em seus ramos sob o disfarce de um grande pássaro, a mesma que uma vez falou de uma árvore sob o disfarce de uma grande serpente. Enquanto a voz crescia mais alto entre as suas folhas, murmurando, a árvore foi tomada por um grande desejo de se esticar e agarrar os pássaros que voavam inofensivamente sobre os seus ninhos, e fazê-los em

pedaços. Finalmente, o tentador encheu a copa das árvores com seus próprios pássaros do orgulho, espetáculo estrelado de pavões. E o espírito do bruto venceu o espírito da árvore, e esta rasgou e consumiu os pássaros verde-azulados até não restar uma pluma, e voltou para a tranquila tribo das árvores. Mas eles dizem que, quando chegou a primavera, todas as outras árvores deram folhas, mas esta deu penas de um matiz e de um padrão estranho. E por essa monstruosa assimilação o santo soube do pecado, e enraizou aquela árvore na terra com um juízo, para que o mal caísse sobre quem a removesse de novo. Isso, squire, é o princípio, nos desertos, do conto que terminou aqui, quase neste jardim.

- E o fim é tão confiável quanto o começo, devo dizer – disse Vane -. O teu é um belo conto para uma pequena festa de chá; um pouco de natureza morta, isso sim.

- Que história esquisita e horrível - exclamou Bárbara -. Nos faz sentir como canibais.

- *Ex África*[13] - disse o advogado, sorrindo -. Vem de um país canibal. Acho que é o toque da escova de alcatrão, aquela sensação de pesadelo que não se sabe se o herói é uma planta, um homem ou um diabo. Não o sentes às vezes em "Tio Remus"[14]?

- Verdade - disse Paynter -. Perfeitamente verdade - e ele olhou para o advogado com um novo interesse. O advogado, que tinha sido apresentado como Sr. Ashe, era uma daquelas pessoas que vale mais a pena olhar do que a maioria das pessoas imagina quando olham. Se Napoleão tivesse sido ruivo, e tivesse investido todos os seus poderes, com um contentamento curioso, sobre os irrelevantes processos de uma província, ele poderia ter ficado muito parecido; a cabeça de cabelo ruivo era pesada e poderosa; a figura, em suas roupas escuras e silenciosas, era relativamente insignificante, assim como a de Napoleão. Ele parecia mais à vontade na sociedade do squire do que o

médico, que, embora fosse um cavalheiro, era tímido, e um mera sombra do seu irmão profissional.

- Como você mesmo diz - comentou Paynter -, a história parece tocada por elementos bastante bárbaros, provavelmente negros. Originalmente, porém, acho que... havia realmente uma história hagiológica sobre um ermitão, embora alguns dos grandes críticos digam que São Securis nunca existiu, e foi apenas um alegoria da arboricultura, já que o seu nome é o latim para machado.

- Oh, se você vier com essa - comentou o poeta Treherne -, você pode também dizer que o squire Vane não existe, e que ele é apenas uma alegoria para um cata-vento[15].

Algo demasiado sutil neste gracejo fez com que as sobrancelhas vermelhas do advogado se juntassem. Ele olhou para o outro lado da mesa, encontrando o sorriso um tanto ambíguo do poeta.

- Suponho, Sr. Treherne - perguntou Ashe -, que você apoia as reivindicações milagrosas de São Securis, neste caso. Por acaso, existe alguma chance de acreditar nas árvores que andam?

- Eu vejo os homens como árvores andantes - respondeu o poeta -, como o homem curado de cegueira no Evangelho[16]. A propósito, devo entender que você apoia as milagrosas reivindicações daquele taumaturgo?

Paynter interveio rapidamente e com suavidade.

- Ora, isso soa como uma fascinante peça de psicologia. Você vê os homens como árvores?

- Como não consigo imaginar porque é que os homens devem andar, não consigo imaginar porque é que as árvores não deveriam - respondeu Treherne.

- É a natureza do organismo, obviamente - interpôs o médico convidado, Dr. Burton Brown -, é essencial ao próprio tipo de estrutura vegetal.

- Em outras palavras, uma árvore fica no solo ano após ano - respondeu Treherne -. Então você para no seu consultório das dez às onze, todos os dias. E não imaginas que uma fada, ao olhar pela tua janela de relance, depois de ter saltado sobre a lua e brincado de "ciranda cirandinha" [17] com as Plêiades, pensaria que você é um vegetal e que se manter sentado é a natureza do organismo?

- Por acaso não acredito em fadas - disse o médico com bastante rigidez, pois a discussão *ad hominem* estava a tornar-se bastante comum. Uma sulfurosa raiva subconsciente parecia irradiar do poeta moreno.

- Bem, espero que não, Doutor - começou o squire, em seu alto e amigável estilo, e depois parou, vendo a atenção de todos ser tomada. O mordomo silencioso, que servia os convidados, tinha aparecido atrás da cadeira do médico, e estava a dizer algo nos tons baixos e nivelados de um criado bem treinado. Ele era um espécime do tipo tão suave que os outros não notaram, no início, que ele também replicava o retrato negro, por mais envernizado que fosse, tão comum nesta família particular de celtas córnicos. Seu rosto era pálido, até mesmo amarelo, e seu cabelo era preto índigo. Ele tinha o nome de Miles. Alguns se sentiram oprimidos pelo tipo tribal deste pequeno canto da Inglaterra. Eles sentiam como se todas estas caras escuras fossem as máscaras de uma sociedade secreta.

O médico levantou-se com um meio pedido de desculpas.

- Devo pedir perdão por perturbar esta agradável festa; sou chamado em serviço. Por favor, não deixe ninguém se mexer. Temos de estar prontos para estas coisas, sabes. Talvez o Sr. Treherne admita que os meus hábitos não são muito vegetais, afinal de contas.

Com esta manobra de Parthian[18], que provocou algumas gargalhadas, ele se afastou muito rapidamente,

através do gramado ensolarado, até onde a estrada descia em direção à aldeia.

- Ele é muito bondoso com os pobres - disse a jovem, com uma seriedade honrosa.

- Um homem muito bom - concordou o squire -. Onde está o Miles? Acompanha-me a fumar um charuto, Sr. Treherne? - e levantou-se da mesa; o resto fez o mesmo, e o grupo separou-se no relvado.

- Notável homem este Treherne - disse o americano ao advogado.

- Notável é a palavra - concordou Ashe de forma obstinada -. Mas eu não acho que vou fazer qualquer comentário sobre ele.

O squire, demasiado impaciente para esperar pela cara amarela do Miles, tinha se metido em casa em busca dos charutos, e Bárbara se viu uma vez mais acompanhada pelo poeta, enquanto caminhava ao longo do jardim do terraço; mas desta vez, simbolicamente, no mesmo nível de relva. Sr. Treherne parecia menos excêntrico depois de ter derramado a sua curiosa capa, e parecia uma figura mais calma e casual.

- Não quis ser rude contigo há pouco - disse ela abruptamente.

- E isso é o pior de tudo - respondeu o homem de letras -, pois eu estou com receio horrível que quisesse ser mal-educado contigo. Quando olhei para cima e vi você lá, algo surgiu em mim que estava em todas as revoluções da história. Oh, também havia admiração nisso! Talvez houvesse idolatria em todos os iconoclastas...

Ele parecia ter um poder de alcançar uma conversa bastante íntima de um jeito silencioso e felino, como ele tinha escalado a estrada íngreme, e a fez sentir que ele era perigoso, talvez não tivesse escrúpulos. Ela mudou o assunto com agilidade, não sem um movimento para satisfazer a sua curiosidade.

- O que QUIS dizer com isso tudo das árvores ambulantes? - perguntou ela -. Não me diga que realmente acredita numa árvore mágica que come pássaros!?

- Eu provavelmente deveria te surpreender - disse Treherne, sério -, mais pelo que eu não acredito do que pelo que acredito.

Então, após uma pausa, ele fez um gesto geral em direção à casa e ao jardim.

- Receio não acreditar em tudo isto; por exemplo, em Casas Elizabetanas e famílias Elizabetanas, e o modo como as propriedades têm melhorado, coisas assim. Olhe para o nosso amigo lenhador, agora - e ele apontou para o homem com a barba negra pitoresca, ainda a lançar o seu machado sobre a madeira.

- A família daquele homem remonta há séculos, e era muito mais rica e mais livre no que vocês chamam de Idade das Trevas, do que é agora. Espere até um camponês da Cornualha escrever uma história da Cornualha.

- Mas e o que é que - exigiu ela - tem isto a ver com o fato de você acreditar numa árvore que come pássaros?

- Por que devo confessar aquilo em que acredito? - disse ele, com um tambor abafado de motim em sua voz -. A aristocracia veio aqui, tomou as nossas terras, levou nosso trabalho, tirou nossos costumes. E agora, depois da exploração, vem algo mais cruel: a educação! Eles devem levar os nossos sonhos!

- Bem, este sonho é mais um pesadelo, não é? - perguntou Bárbara, sorrindo; e no momento seguinte ficou bastante séria, dizendo quase ansiosamente: - Mas aqui está o Dr. Brown de volta. Ora, ele parece bastante perturbado.

O médico, uma figura negra no relvado verde, estava, de fato, se aproximando deles numa caminhada muito vigorosa. Seu corpo e andar aparentavam mais jovens que o seu rosto, parecendo prematuramente forrado de preocupação; a sua testa careca, se destacava por conta do

cabelo liso e escuro, bastante ralo, que a cobria. Ele estava visivelmente mais pálido do que quando ele saiu da mesa de almoço.

- Lamento dizer, senhorita Vane - disse ele -, que eu sou portador de más notícias para o pobre Martin, o lenhador daqui. A filha dele morreu há meia hora.

- Oh - gritou calorosamente Bárbara -, sinto MUITO!

- Também eu - disse o médico, sem se deter; ele correu para descer os degraus entre as orlas de pedra; e eles viram-no em conversa com o lenhador. Eles não conseguiam ver seu rosto. Ele ficou com as suas costas para eles, mas eles viram algo que parecia mais comovente do que qualquer mudança de semblante. A mão do homem segurando o machado ergueu-se bem acima da cabeça dele, e por um instante parecia que ele iria cortar o doutor. Mas na verdade ele não estava olhando para o médico. A cara dele estava posta em direção ao penhasco, onde, acima da pequena floresta, se levantavam, gigantescas e douradas pelo sol, as árvores do orgulho.

A forte mão castanha fez um movimento e ficou vazia. O machado circulou rapidamente pelo ar, se mostrando como uma lua crescente prateada contra o crepúsculo cinza das árvores. Não atingiu seu objetivo, mas caiu no meio do mato, agitando uma ninhada de pássaros. Na memória do poeta, cheio de coisas primordiais, algo parecia dizer que ele tinha visto os pássaros de algum presságio pagão, o machado de algum sacrifício pagão.

Um momento depois o homem fez um movimento pesado para frente, como se fosse para recuperar sua ferramenta; mas o médico colocou uma mão em seu braço.

- Não se preocupe com isso agora - eles o ouviram dizer com tristeza e gentileza -. O squire vai dispensá-lo do trabalho, eu sei.

Alguma coisa fez a jovem olhar para Treherne. Ele ficou olhando, com a cabeça um pouco curvada, e uma de suas mechas pretas tinha caído para a frente, sobre a sua testa.

E novamente ela tinha a sensação de uma sombra sobre a grama; ela quase sentia como se a grama fosse uma multidão de fadas, fadas que não eram suas amigas.

II. A APOSTA DO SQUIRE VANE

Passou-se mais de um mês até que a lenda dos pavões fosse novamente discutida no círculo do squire. Foi numa noite em que seu gosto excêntrico pelas refeições no jardim reuniu o grupo à volta da mesma mesa, agora acesa com um candeeiro e disposta para jantar num crepúsculo brilhante da primavera. Estava cercado da mesma companhia, pois em poucas semanas de relacionamento eles tinham entrado cada vez mais na vida uns dos outros, formando um pequeno coletivo, como um clube. O esteta americano foi naturalmente o agente mais ativo, a sua resolução de extrair a essência do mistério do poeta da Cornualha, fez com que sempre estimulasse o seu irresoluto anfitrião para tais reuniões. Até o Sr. Ashe, o advogado, parecia ter engolido os seus preconceitos meio-humorosos; e o médico, embora um homem bastante triste e silencioso, era sociável e atencioso. Paynter tinha até lido a poesia de Treherne em voz alta, de maneira encantadora; ele também tinha lido outras coisas, não em voz alta, coletando tudo nas vizinhanças, desde guias até epitáfios, que poderiam lançar uma luz às antiguidades locais. E foi nessa noite, quando o lampião e o último raio de sol do dia destacavam as cores do vinho e da prata na mesa debaixo da árvore, que ele anunciou uma nova descoberta.

- Diga, squire - comentou ele, com um dos seus raros americanismos[19],- sobre aquelas tuas árvores assustadoras; não creio que conheças metade das histórias contadas por aqui sobre elas. Parece que elas têm uma

maneira de comer as coisas. Não é que tenha qualquer objeção ética a comer coisas - continuou ele, alcançando elegantemente o queijo verde -, mas eu tenho mais ou menos, em termos gerais, uma objeção a comer pessoas.

- Comer pessoas! - repetiu Bárbara Vane.

- Eu sei que um mochileiro não deve ser exigente - afirmou o Sr. Paynter -, mas repito, com firmeza, uma objeção a comer pessoas. As árvores de pavões parecem ter progredido desde os dias felizes da inocência, quando só comiam pavões. Se você perguntar às pessoas aqui - o pescador que vive naquela praia, ou mesmo o homem que corta este gramado na nossa frente - eles lhe contarão histórias mais espantosas do que qualquer outra tropical que eu lhe trouxe da costa da Berbéria. Se você lhes perguntar o que aconteceu com o pescador Peters, que se embebedou na véspera de Todos os Santos, eles lhe dirão que ele se perdeu naquele pequeno bosque, caiu no sono debaixo das árvores malvadas, e então... evaporou-se, desapareceu, foi lambido como orvalho pelo sol. Se você lhes perguntar onde está Harry Hawke, o filho pequeno da viúva, eles lhe dirão que ele foi engolido; que ele foi desafiado a subir nas árvores e sentar-se lá a noite toda, e fez isso. O que as árvores fizeram Deus sabe; os hábitos de um monstro vegetal nos deixam um pouco confusos. Mas eles até acrescentam o agradável detalhe de que um novo galho aparece na árvore quando alguém some desse jeito.

- Que novo disparate é este? - exclamou Vane -. Eu sei que há alguma trama louca sobre as árvores espalharem febre, embora todo homem educado saiba por que estas epidemias voltam de vez em quando. E eu sei que dizem que se pode distinguir o barulho delas entre outras árvores num vendaval, e atrevo-me a dizer que se pode. Mas mesmo a Cornualha não é um manicômio... uma árvore que janta um passante ...

- Bem, os dois contos são suficientemente compatíveis - verbalizou o poeta, baixinho -. Se houver uma

magia que mata os homens quando se aproximam, é possível que os atinja com doença quando se afastam. No velho romance, o dragão, que devora alguns, muitas vezes explode outros, com uma espécie de hálito venenoso.

Ashe olhava para o orador com firmeza, para não dizer obstinação.

- Será que compreendo - perguntou ele -, que também engulas essa das árvores engolidoras?

O sorriso sombrio de Treherne ainda estava na defensiva; a sua esgrima sempre incomodava o outro, e ele não parecia sem malícia no questionamento.

- Engolir é uma metáfora - disse ele -, sobre mim, se não sobre as árvores. E as metáforas levam-nos imediatamente à terra dos sonhos - que também não é um lugar mau. Este jardim, penso eu, fica cada vez mais parecido com um sonho nesta esquina entre o dia e a noite, isso pode nos levar a qualquer lugar.

A curva amarela da lua tinha aparecido silenciosamente, como se de repente, sobre os tentáculos negros das algas marinhas, parecendo anunciar como noite algo que até então tinha sido entardecer. Uma brisa noturna passava furtivamente entre as árvores e através da relva, e como eles haviam deixado de falar, puderam ouvir, não só as plantas que balançavam, mas o mar a se mover e soar em todas as fendas e cavernas, em volta e abaixo deles. Todos eles sentiram o tom que havia sido instaurado: o americano, como crítico de arte, e o poeta como poeta; e o squire, que achava que estava a ferver com uma impaciência puramente racional, não compreendia, realmente, a sua própria impaciência. Nele, talvez mais do que nos outros - mais certamente do que ele próprio sabia - o vento do mar foi para a cabeça, como vinho.

- Credulidade é uma coisa curiosa - disse Treherne em voz baixa -. É mais negativa do que positiva, e ainda assim é inesgotável. Centenas de homens evitarão andar debaixo de uma escada; eles não sabem para onde a porta da

escada vai levar. Eles não acreditam realmente que Deus lançaria um raio sobre eles por uma coisa dessas. Eles não sabem o que aconteceria, esse é o ponto; mas ainda assim eles se afastam como de um precipício. Então as pobres pessoas daqui podem ou não acreditar em qualquer coisa; elas não passam por aquelas árvores à noite.

- Eu passo por baixo de uma escada sempre que posso - gritou Vane, com uma excitação desnecessária.

- Você pertence a um Clube Treze[20] - disse o poeta -. Passas por baixo de uma escada na sexta-feira para jantar com treze pessoas à mesa, com todos a derramar o sal. Mas nem mesmo você vai até aquelas árvores à noite.

O squire Vane levantou-se, com os seus cabelos prateados a arder ao vento.

- Vou ficar a noite toda naquele bosque de bobalhões, e subir naquelas árvores de bobalhões - ele disse -. Faço-o por dois pence ou duas mil libras, se alguém aceitar a aposta.

Sem esperar por uma resposta, ele pegou seu largo chapéu branco e o vestiu, com um gesto feroz, saindo a largos passos leoninos pelo gramado, antes que alguém à mesa pudesse se mover.

A quietude foi interrompida por Miles, o mordomo, que caiu e quebrou um dos pratos que carregava. Ele ficou olhando para o seu mestre com seu queixo longo e angular projetado para fora, parecendo mais amarelado onde recebia a luz amarela da lâmpada abaixo. Seu rosto ficou assim sombreado, mas Paynter imaginou por um momento que ele estava tomado por alguma emoção que o surpreendeu. O rosto, porém, estava como de costume quando ele se virou, e Paynter percebeu que uma noite de fantasias tinha começado, como os propósitos cruzados do "Sonho da Noite de Verão"[21].

O bosque das estranhas árvores, para onde o squire caminhava, estava de tal modo longe da cabeceira, que no

final quase pairava sobre o mar, podendo ser acessado por um único caminho, que brilhava nitidamente como uma fita de prata ao entardecer. A fita corria ao longo da beira do penhasco, onde a única fileira de árvores deformadas seguia ao seu encalce, eventualmente mergulhando na massa de árvores por um portão natural, uma mera fenda na vegetação, com um aspecto escuro, como a boca de um leão. O que se passava no caminho interior não podia ser visto, mas sem dúvida levava à região das raízes escondidas das grandes árvores centrais. O squire já estava um ou dois metros dentro desta entrada escura quando a sua filha se levantou da mesa e deu um ou dois passos atrás dele, como se o chamasse de volta.

Treherne também se levantou, e ficou como que atordoado com o efeito do seu frívolo desafio. Quando Bárbara se moveu, ele pareceu recuperar-se, caminhando atrás dela, e disse algo que Paynter não ouviu. Ele disse-o casualmente e até distante o suficiente, mas sugeriu claramente algo à mente dela, pois, após um momento de reflexão, ela acenou com a cabeça e voltou a andar, não para a mesa, mas aparentemente para a casa. Paynter olhou com uma curiosidade momentânea, e quando ele virou novamente, o squire tinha desaparecido no meio do bosque.

- Ele se foi, disse Treherne - com um tom de definição, como o bater de uma porta.

- Bem, digamos que sim? - exclamou o advogado, com voz agitada -. O squire pode ir para o seu próprio bosque, penso eu! Mas que que diabos é tudo isso? Sr. Paynter? Não me diga que acha que há algum mal naquela plantação de madeira.

- Não, não digo - disse Paynter, ajeitando uma perna sobre a outra e iluminando um charuto -. Mas eu vou ficar aqui até ele sair.

- Muito bem - disse Ashe em seguida -, vou ficar contigo, nem que seja para ver o fim desta farsa.

O médico não disse nada, mas ele também manteve o seu lugar e aceitou um dos charutos do americano. Se Treherne estivesse a acompanhar o assunto, poderia ter notado, com a sua superstição sardônica, um fato curioso - que, por acaso, enquanto todos os três homens se condenavam tacitamente a ficar fora a noite toda se necessário, todos, por uma omissão ou esquecimento, assumiram que era impossível seguir o seu anfitrião para a floresta, mesmo que esta estivesse em frente a eles. Mas Treherne, apesar de ainda estar no jardim, tinha se afastado da mesa, e estava caminhando ao longo da única linha de árvores diante do mar escuro. Nos seus interstícios angulares, como através de uma série de janelas, elas carregavam algo de fantasmagórico, ou de esqueletos de um monastério, e ele, tendo jogado seu casaco mais uma vez ao seu pescoço, como uma capa, passava de um lado para o outro, como o fantasma de algum monge não muito são.

Todos estes homens, céticos ou místicos, olharam para trás, pelo o resto das suas vidas, vendo aquela noite como algo irreal. Eles sentavam-se quietos, ou levantavam-se abruptamente, passeando pelo grande jardim, em longos desvios, de modo que parecia que nenhum dos três estavam juntos de uma só vez, e nenhum sabia quem seria seu companheiro; no entanto, as suas divagações permaneceram dentro do mesmo espaço escuro e labiríntico. Eles caíram em pequenos lapsos de sono desconfortável, muito breves, e mesmo assim faziam sentir como se toda a noite fosse um único sonho: o estar sentados, o caminhar, o falar.

Paynter acordou uma vez, e encontrou Ashe sentado sozinho, em frente a ele, em uma mesa; encontrou seu rosto escuro na penumbra, e a ponta de seu charuto como o olho vermelho de um ciclope. Até que o advogado falou, com a sua voz firme, Paynter estava mesmo com medo dele. Ele respondeu ao acaso, e acenou novamente com a

cabeça; quando acordou de novo, o advogado tinha desaparecido, e o que o opunha era o rosto careca e pálido do médico; de repente pareceu haver algo ameaçador no fato familiar de que usava óculos. No entanto, Ashe tinha se afastado apenas alguns metros de distância, e virou-se naquele instante, voltando para a mesa. Em um rápido movimento, Paynter percebeu que o seu pesadelo não passava de um truque de sono ou de insônia, e falou na sua voz natural, mas bem alto:

- Então juntou-se a nós outra vez; onde está o Treherne?

- Oh, ainda andando em círculos, suponho, como um urso polar debaixo daquelas árvores no penhasco - respondeu Ashe, movimentando seu charuto -, olhando para o que um poeta antigo (e vocês vão me perdoar por julgar, um pouco melhor) chamou de o mar vinho-escuro[22]. Ele realmente tem uma espécie de sombra roxa; olhe para ele".

Paynter olhou; ele viu o mar escuro e as árvores fantásticas que o cercam, mas não viu o poeta; o claustro já estava desocupado por seu monge inquieto.

- Foi-se para outro lugar - disse ele, com uma futilidade longe de ser característica -. Ele estará de volta aqui em breve. Esta é uma vigília interessante, mas uma vigília perde um pouco da sua intensidade quando não se consegue manter acordado. Ah! Aqui está Treherne; então estamos todos reunidos, como disse o político quando o Sr. Colman[23] chegou atrasado para o jantar. Não, o doutor está apagado outra vez. Quão cansados estamos todos!

O poeta tinha se aproximado, seus pés estavam caindo suavemente sobre a grama, e os olhava com uma singular sensibilidade.

- Em breve terminará - disse ele.

- O quê? - disparou Ashe de forma abrupta.

- A noite, claro - respondeu Treherne de forma imóvel -. A hora mais escura já passou.

- Não comentou um outro poeta menor - perguntou Paynter de forma irrefletida -, que a hora mais escura antes do amanhecer[24]...? Meu Deus, o que foi isso? Foi como um grito!

- Foi um grito - respondeu o poeta -, o grito de um pavão.

Ashe se levantou, com o rosto forte e pálido contrastando os seus cabelos ruivos, dizendo furiosamente:

- Que diabo queres dizer com isso?

- Oh, causas perfeitamente naturais, como diria o Dr. Brown - respondeu Treherne -. - O squire não nos disse que as árvores tinham uma nota estridente e própria quando o vento soprava? O vento está vindo de novo do mar; eu não deveria me espantar se houvesse uma tempestade antes do amanhecer.

O amanhecer chegou de fato aos poucos, com um ruído crescente do vento, e o mar roxo começou a ferver em torno das escuras rochas vulcânicas. A primeira mudança no céu só se mostrou nas formas da vegetação e dos caules cada vez mais negros, mas mais nítidos; e acima da mata cinzenta, contra um vislumbre de luz crescente, eles viram ao alto a trindade maligna das árvores. Em suas longas linhas, pareciam a Paynter algo levemente serpenteado e até em espiral. Ele quase podia imaginar que os via a girar lentamente como em alguma dança cíclica, mas isto, mais uma vez, foi apenas uma última ilusão de terra dos sonhos, pois alguns segundos depois ele estava novamente a dormir. Nos sonhos ele lidava com um emaranhado de contos inconclusivos, cada um preenchido com a mesma tensão, ruído e vento do mar; e acima e fora de todas as outras vozes, o lamento das Árvores do Orgulho.

Quando acordou, o dia já era claro, e uma luz precoce desabrochava no bosque e no jardim e nos campos e fazendas por quilômetros de distância. O bom senso relativo que a luz do dia traz até mesmo aos adormecidos o fez ficar

alerta e de pé, mostrando-lhe todos os seus companheiros que já estavam sobre o gramado em semelhante postura de expectativa. Não havia necessidade de perguntar o que eles estavam esperando. Eles estavam esperando para ouvir as experiências noturnas, cômicas ou banais, ou o que quer que fossem, daquele amigo excêntrico, cuja experiência (seja de algum medo subconsciente ou alguma fantasia de honra) eles não tinham se aventurado a interromper. As horas passaram, e ainda nada havia se movido na mata, a não ser um pássaro esporádico. O squire, como a maioria dos homens do seu tipo, acordava muito cedo, e não era provável que ele dormisse até tarde neste caso; havia uma chance ainda maior de que, com a excitação com que ele tinha deixado os colegas, ele não fosse sequer dormir. No entanto, ficou claro que ele deveria estar dormindo, talvez como reação a uma tensão. Quando o sol já estava alto no céu, Ashe, o advogado, voltando-se para os outros, falou de forma repentina e direta.

- Vamos para a floresta agora? – perguntou a Paynter, quase hesitando.

- Eu vou entrar - disse Treherne, simplesmente -. Então, levantando a sua cabeça morena em reação aos seus olhares, ele acrescentou:

- Não, não se incomodem. Nunca é quem acredita que tem medo.

Pela segunda vez, eles viram um homem pegar o claro caminho ondulado e desaparecer na emaranhada mata cinza, mas desta vez eles não tiveram que esperar muito para vê-lo novamente.

Alguns minutos depois ele reapareceu no portal do bosque, e veio lentamente na direção deles, atravessando o gramado. Ele parou diante do médico, que estava mais próximo, e disse algo. Foi repetindo para os outros, e contornou o círculo com baixíssimos sussurros de incredulidade. Os outros lançaram-se no bosque e regressaram desordenadamente, e foram vistos novamente

a falar com aqueles que se reuniram na casa; a selvagem telegrafia sem fio, que é a orientação das comunidades do campo, espalhou-a cada vez mais, antes que o próprio fato fosse plenamente compreendido; e antes do anoitecer, um quarto do condado sabia que o squire Vane tinha desaparecido, como uma bolha de sabão estourada.

Ainda que a história selvagem tenha se repetido de maneira selvática, e mesmo que tenha sido examinada pacientemente, demorou muito para que tivesse início sua sequência. No intervalo, Paynter tinha se retirado educadamente da casa de luto, ou melhor, de questionamento, mas somente até a pousada da aldeia; Bárbara Vane estava contente com a experiência e simpatia do viajante, além do que lhe era proporcionado pelo advogado e pelo médico, como velhos amigos da família. Até Treherne não desanimou com as suas visitas ocasionais, com o objetivo de ajudar a caçar o homem perdido. Os cinco tinham muitos encontros à volta da velha mesa do jardim, na qual o infeliz mestre da casa tinha jantado pela última vez; e Bárbara usava a sua velha máscara de pedra, ainda que agora fosse uma máscara mais trágica. Ela não havia demonstrado nenhuma emoção desde a primeira manhã da descoberta, quando ela havia explodido, falando de forma bastante estranha, de acordo com alguns de seus ouvintes.

Ela tinha saído lentamente de casa, para à qual a sua própria prudência, ou a sabedoria de alguém, a tinha relegado durante a noite da aposta; e estava claro no seu rosto que alguém lhe tinha dito a verdade sobre o que havia acontecido; Miles, o mordomo, estava nos degraus atrás dela; e provavelmente havia sido ele.

- Não fique muito angustiada, senhorita Vane - disse o Doutor Brown, com uma voz baixa e bastante incerta -, a busca na floresta ainda mal começou. Estou convencido que o encontraremos... é algo bastante simples.

- O doutor está certo - disse Ashe, em seus tons firmes -, eu mesmo...

- O doutor não está certo - disse a garota, olhando o interlocutor com uma cara pálida -: Eu bem sei. O poeta está certo. O poeta está sempre certo. Oh, ele está aqui desde o começo do mundo, e viu maravilhas e terrores que estão ao nosso redor, e só por se esconder atrás de um arbusto, ou de uma pedra. Você, e seu doutoramento e sua ciência, só está aqui há algumas poucas gerações; e não pode vencer nem mesmo seus próprios inimigos de carne e osso. Oh, perdoe-me, Doutor, eu sei que você trabalha esplendidamente; mas a febre vem na aldeia, e o povo morre e morre por tudo isso. E agora é o meu pobre pai. Deus nos ajude a todos! A única coisa que nos resta é acreditar em Deus, pois não podemos deixar de acreditar nos demônios.

E ela os deixou, ainda andando bem devagar, mas de tal maneira que ninguém podia ir atrás dela.

A primavera já tinha começado a meter-se no verão, e estabeleceu uma espécie de tenda verde a partir da árvore sobre a mesa do jardim, quando o visitante americano, sentado ali com os seus dois companheiros profissionais, quebrou o silêncio dizendo o que há muito estava em sua mente.

- Bem - disse ele -, suponho que o que quer que pensemos ser sensato dizer, todos nós começamos a pensar em uma possível conclusão. Isso não pode ser dito de maneira muito delicada, mas, afinal de contas, há uma dimensão econômica muito importante. O que vamos fazer em relação aos negócios do pobre Vane, para além dele próprio? Suponho que vocês saibam - acrescentou, em voz baixa para o advogado -, fez ele um testamento?

- Ele deixou tudo à sua filha incondicionalmente - respondeu Ashe -. Mas nada pode ser feito com isso. Não há nenhuma prova de que ele esteja morto.

- Nenhuma prova legal? - observou o Paynter secamente.

Uma ruga de irritação tinha aparecido na grande careca do Dr. Brown; e ele fez um movimento impaciente:

- Claro que ele está morto - disse ele -. Qual é o sentido de todo este alvoroço legal? Estávamos a observar este lado da floresta, não estávamos? Um homem não poderia ter voado daqueles penhascos altos sobre o mar; ele só poderia ter caído. O que mais pode ele estar, senão morto?

- Eu falo como advogado - retomou Ashe, levantando as sobrancelhas -. Não podemos presumir a sua morte, ou ter um inquérito, ou qualquer coisa, até encontrarmos o corpo do pobre coitado, ou alguns restos mortais que possam ser razoavelmente presumidos como sendo o seu corpo.

- Percebo - observou o Paynter calmamente -. Você fala como advogado, mas não acho que seja muito difícil adivinhar o que você pensa como homem.

- Eu próprio prefiro ser um homem a um advogado - disse o médico, um pouco mais rudemente -. Não imaginava que a lei fosse tão idiota. Qual é o bem de manter a pobre garota fora de sua propriedade, e a herança se desmoronando? Bem, tenho de ir embora, ou os meus pacientes também ficarão em pedaços.

E com uma saudação de cortesia ele seguiu o seu caminho até à aldeia.

- Aquele homem cumpre o seu dever, se é que alguém o faz - comentou Paynter -. Devemos perdoar, devo dizer, seus modos ou maneiras?

- Oh, eu não lhe carrego mágoa - respondeu Ashe bem-humorado -, mas estou contente por ele ter partido, porque... bem, porque eu não quero que ele saiba como ele está completamente certo.

E ele encostou-se na cadeira e encarou o teto de folhas verdes.

- Tem certeza - disse Paynter, olhando para a mesa -, que o squire Vane está morto?

- Mais do que isso - disse Ashe, ainda a olhar para as folhas -. Tenho a certeza de como ele morreu.

- Ah! - disse o americano, com um suspiro, e eles permaneceram por um momento, um olhando para a árvore e o outro para a mesa.

- A palavra "certeza" é talvez muito forte -, continuou Ashe -. Mas a minha convicção é grande. Eu não invejo o advogado de defesa.

- O advogado de defesa - repetiu Paynter, e olhou rapidamente para o seu companheiro. Ele foi atingido novamente pelo queixo e mandíbula napoleônica do homem, como havia sido quando falaram pela primeira vez da lenda de São Securis.

- Então - começou ele -, você não acha que as árvores...

- As árvores que se danem! - bufou o advogado -. A árvore tinha duas pernas naquela noite. O que o nosso amigo poeta - acrescentou ele, com um sorriso de desprezo -, chamaria de árvore andante. A propósito do nosso amigo poeta, você pareceu surpreendido naquela noite, ao descobrir que ele não andava poeticamente pela orla do mar o tempo todo, e eu temo que eu partilhava a ignorância. Eu não estava tão certo como estou agora.

- Certo de quê? - exclamou o outro.

- Para começar - disse Ashe - tenho a certeza de que o nosso amigo poeta seguiu o Vane até à floresta naquela noite, pois vi-o sair.

Paynter inclinou-se para a frente, de súbito, pálido de excitação, e bateu na mesa de madeira de modo que ela se agitou.

- Sr. Ashe, você está errado – afirmou ele -. És um homem maravilhoso e estás errado. Provavelmente tem toneladas de provas convincentes, e está errado. Eu conheço este poeta; conheço-o como poeta; e isso é o que você não conhece. Eu sei que você acha que ele lhe deu respostas tortas, e pareceu ser todo sorrisos e olhares

obscuros ao mesmo tempo; mas você não entende o gênio. Agora sei porque não entendes os irlandeses. Às vezes você pensa que é suave, às vezes manhoso, às vezes assassino, às vezes incivilizado; e o tempo todo é apenas civilizado; vibrando com a melindrosa ironia de entender tudo o que você não entende.

- Bem - disse Ashe, em poucas palavras -, vamos ver quem tem razão.

- Nós vamos! - exclamou Cyprian, e levantou-se de repente da mesa. Toda a inclinação de esteta tinha caído dele; seu sotaque ianque subiu alto, como um tom de desafio, e não havia nada nele a não ser o Novo Mundo.

- Acho que eu mesmo vou investigar isso - disse ele, esticando seus longos membros como um atleta -. Eu vasculho essa pequena mata amanhã. É um pouco tarde, senão eu faria isso agora.

- A floresta foi investigada - disse o advogado, se levantando também.

- Sim - soltou o americano -. Foi vasculhada por criados, policiais, agentes locais e muita gente; e, sabe, eu tenho a impressão de que ninguém por aqui deve ter vasculhado ela toda.

- E o que vais fazer sobre isso? - perguntou Ashe.

- O que eu aposto que eles não fizeram - respondeu Cyprian -. Eu vou subir numa árvore.

E com um ar de alegria renovada, ele se retirou em uma caminhada rápida até sua pousada.

Ele apareceu ao amanhecer do dia seguinte, na porta do “Vane Arms”, com o ar de quem peregrinava por terras distantes. Ele tinha um binóculo pendurado sobre os ombros, e uma faca de bainha muito grande afivelada por um cordão na cintura, carregada com a bravura de uma faca de vaqueiro. Mas apesar da simplicidade deste homem do sertão, ou talvez por causa disso, ele olhou com prazer o plano pitoresco da configuração da antiga vila, e especialmente a moldura de madeira da antiga placa da

pousada, que pairava sobre sua cabeça; um distintivo, sobre o qual as cores pareciam para ele uma mera mistura de golfinhos azuis, cruzes de ouro e pássaros escarlate. As cores e os cantos cúbicos daquela tábua pintada, agradaram-lhe como uma peça de teatro, ou um espetáculo de fantoches. Ele ficou olhando e se pavoneando por alguns momentos nos paralelepípedos do pequeno mercado; depois deu uma pequena risada e começou a subir as íngremes ruas em direção ao jardim e ao longo do terreno. Do alto gramado, acima da árvore e da mesa, ele podia ver de um lado a terra se estender para além da casa em uma grande planície ondulada, que sob as bordas claras do amanhecer parecia pontilhada por detalhes pitorescos. O bosque aqui e ali, na planície, parecia um ouriço verde, tão grotesco quanto os animais inconvenientes encontrados andando nos espaços vazios dos mapas medievais. O terreno, cortado em campos coloridos, lembrava a heráldica da placa; ao mesmo tempo antiga e jovial. Do outro lado, o caminho para o mar ia para baixo, e depois novamente para cima, em direção ao famoso, ou infame, bosque; o largo de estranhas árvores estava silenciosamente inclinado sobre a encosta, sugerindo também, se não um miradouro, pelo menos um ponto de observação. Apenas o centro triplo das árvores de pavão se erguia para fora da linha do céu; e estas se levantavam à luz do sol sereno, como coisas quase clássicas, um templo triangular dos ventos. Elas pareciam pagãos num sentido mais novo e mais pacato; e ele sentiu uma infantil curiosidade corajosa para a consulta do oráculo. Em todas as suas andanças nunca andou tão suavemente, pois o *connoisseur* das sensações tinha finalmente encontrado algo para realizar; ele estava lutando por um amigo.

Ele se deteve, no entanto, na passagem de entrada do jardim das árvores do conhecimento. Do lado de fora da entrada escura do bosque, agora fechado com folhas mais verdes e maiores, ele encontrou uma figura solitária.

Era Martin, o lenhador, andando entre as frestas, e olhando para ele de uma forma um pouco perdida. O homem parecia estar falando sozinho.

- Eu joguei por aqui - ele estava dizendo -, mas nunca mais vou trabalhar com isto, acho eu. O doutor não me deixou pegá-lo, quando eu queria pegá-lo; e agora elas o pegaram, como pegaram o squire. Madeira e ferro, madeira e ferro, comê-lo não é nada para elas.

- Venha! - disse Paynter gentilmente, recordando os problemas domésticos do homem -. A senhorita Vane vai garantir que você tenha tudo o que precisa, eu sei. E olhe aqui, não se preocupe com todas essas histórias sobre o squire. Há o mínimo indício de que as árvores tenham alguma coisa a ver com isso? Há sequer aquele ramo extra de que os idiotas falaram?

Tinha crescido em Paynter a suspeita de que o homem que o acompanhava não era perfeitamente são; no entanto, ele estava muito mais assustado com a súbita e fria sanidade que espreitava um instante dos olhos do lenhador, conforme ele respondia à sua maneira vulgar.

- Bem, senhor, você contou os galhos antes?

Então ele pareceu ter uma recaída; e Paynter o deixou vagando e vacilando no mato; e entrou no bosque como aquele que enfrenta uma sombra momentânea em seu caminho ensolarado.

Mergulhando na floresta, ele logo estava traçando um caminho verdejante que, mesmo sob aquele sol de verão, brilhava apenas com um crepúsculo esmeralda, como se estivesse no chão do mar. Estava mais trêmulo do que ele supunha, a medida que resolveu se aproximar das árvores centrais, como se fossem o coração do labirinto em Hampton Court[25]. Elas eram o coração do labirinto para ele, de qualquer forma; ele as encontrou tão retilíneas quanto uma estrada tortuosa o permitiria; e, virando uma esquina final, ele viu, pela primeira vez, os alicerces

daquelas torres de vegetação, das quais ele só tinha observado o topo, uma vez que estavam acima da altura da cintura do bosque. Ele achou correta a suspeita de que a árvore se ramificava de uma grande raiz, como um candelabro; o bifurcamento, embora manchado e viscoso de fungos verdes, estava bem perto do chão, e oferecia uma primeira base. Ele colocou o pé nele, e sem um segundo de hesitação foi para o alto, como Jack escalando o pé de feijão.

Acima dele, o teto verde de folhas e ramos parecia selado como um firmamento de folhagem; mas, ao dobrar e quebrar os ramos para a direita e para a esquerda, ele lentamente forçou uma passagem para cima; e teve finalmente, e de repente, a sensação de surgir no topo do mundo. Ele sentiu como se nunca tivesse estado ao ar livre antes. O mar e a terra estavam num círculo em baixo e ao seu redor, enquanto ele se assentava em cima de um galho da árvore alta; ele estava quase surpreso de ver o sol baixo no céu; como se estivesse olhando sobre uma terra de eterno amanhecer.

- Silêncio sobre um pico em Darien[26] - observou ele, com uma voz desnecessariamente alta e alegre; e embora a afirmação, assim expressa, fosse ilógica, não era inapropriada. Ele se sentiu como se fosse um aventureiro primitivo que acabara de chegar ao Novo Mundo, ao invés de um viajante moderno que acabara de vir dele.

- Pergunto-me - prosseguiu ele -, se eu sou realmente o primeiro a irromper nesta árvore silenciosa. É o que parece. Aqueles...

Ele parou e sentou-se em seu galho sem se mexer, seus olhos estavam voltados para um galho um pouco abaixo dele, e eles estavam brilhantes de vigilância, como os de um homem observando uma cobra.

O que ele estava olhando, à primeira vista, parecia ser um grande fungo branco espalhado no tronco liso e

monstruoso; mas não era.

Inclinando-se perigosamente do seu posto, ele o desprendeu do galho sobre o qual estava, e depois se sentou segurando-o na mão e olhando para ele. Era o chapéu Panamá branco do squire Vane, mas não havia nenhum squire Vane debaixo dele. Paynter sentiu um estranho alívio no fato de que não havia.

Ali, sob a luz clara do sol e do ar marinho, por um instante, todos os terrores tropicais de sua própria história o cercaram e o sufocaram. Parecia, de fato, uma árvore demoníaca dos pântanos; uma serpente vegetal que se alimentava de homens. Até a hedionda farsa na fantasia de digerir um homem inteiro, com exceção do seu chapéu, parecia apenas simplificar o pesadelo. E ele se viu olhando embasbacado para uma folha da árvore, que por acaso estava voltada para ele, de modo que as estranhas marcas, que em parte tinham feito a lenda, realmente pareciam um pouco com os olhos de uma pena de pavão. Era como se a árvore adormecida tivesse aberto um olho para ele.

Com um intenso esforço, ele se firmou em sua mente e na postura sobre o galho; sua razão retornou, e ele começou a descer com o chapéu nos dentes. Quando voltou ao submundo do bosque, tornou a estudar o chapéu com mais atenção. Em um lugar da parte superior havia um buraco, um furo, que certamente não tinha estado lá. na última vez que se achou sobre a mesa, debaixo da árvore do jardim. Ele sentou-se, acendeu um cigarro, e refletiu por muito tempo.

Uma floresta, mesmo uma pequena floresta, não é uma coisa fácil de investigar minuciosamente; mas ele se proveu de alguns testes práticos sobre o assunto. Em certo sentido, a densidade da mata foi uma ajuda; ele podia ao menos ver onde alguém tinha desviado do caminho, por vegetações quebradas e pisoteadas, de todo tipo. Depois de muitas horas de esforço, ele tinha feito uma espécie de novo mapa do lugar; e tinha decidido, sem dúvida, que alguma pessoa,

ou pessoas, tinha se desviado bastante, para algum propósito, em várias direções definidas. Havia um caminho que irrompia pelos arbustos, traçando um atalho através de um rastro da trilha errante; havia outro caminho alternativo para o espaço central. Mas havia um, especialmente, que era único, e que lhe parecia, quanto mais ele o estudava, apontar para algum elemento essencial do mistério.

Um desses caminhos surrados e batidos, saia do espaço sob as árvores dos pavões para dentro da floresta, por cerca de vinte metros, e depois parava. A partir desse ponto, nem um galho foi quebrado, nem uma folha perturbada. Não tinha saída, mas ele não podia acreditar que não tinha um propósito. Depois de mais alguma reflexão, ajoelhou-se e começou a cortar relva e o barro com sua faca, e ficou surpreendido com a facilidade com que eles se desprendiam. Em pouco tempo, uma parte inteira do solo levantou-se como uma tampa; era uma tampa redonda, e apresentava uma aparência pitoresca, como uma boina com plumas verdes. Pois embora o próprio disco fosse feito de madeira, havia uma camada de terra sobre ele, com a grama viva ainda crescendo ali. E a remoção da tampa redonda revelou um buraco redondo, escuro como a noite, e aparentemente sem fundo. Paynter entendeu isso instantaneamente. Estava bastante perto do mar para ser um poço, mas o viajante tinha conhecido poços ainda mais próximos. Ele se levantou com a grande faca na mão, um cenho no rosto, e suas dúvidas foram resolvidas. Ele não hesitaria mais em nomear o que ele já compreendida. Este não foi o primeiro cadáver a ser atirado em um poço; aqui, sem lápide ou epitáfio, foi o túmulo do squire Vane. Num instante, todas as loucuras mitológicas sobre santos e pavões foram esquecidas; ele foi atingido na cabeça, como que por um bastão de pedra, pelo senso comum humano do crime.

Cyprian Paynter ficou muito tempo junto ao poço no bosque, caminhou ao seu redor em meditação, examinou o

seu rebordo e o círculo de relva que o rodeava, vasculhou minuciosamente o solo circundante, voltou e ficou mais uma vez ao lado do poço. Suas pesquisas e reflexões tinham sido tão longas, que ele não tinha percebido que o dia tinha passado e que a floresta e o mundo ao seu redor já estavam começando a ser mergulhados no amadurecimento da noite. O dia tinha sido radiosamente calmo; o mar parecia estar tão quieto quanto o poço, e o poço estava tão quieto quanto um espelho. E então, sem aviso prévio, o espelho se moveu, como um ser vivo.

No poço do bosque a água saltava e gurgitava, com um barulho grotesco, como se engolisse algo, e depois voltava a assentar-se com um segundo ruído. Cyprian não podia ver claramente dentro do poço, pois a abertura, de onde ele estava, era uma elipse, uma mera fenda, meia encoberta por erva de cardos e grama, como uma barba verde. Ele estava agora a três jardas do buraco, e ele mesmo ainda não tinha percebido que havia saltado toda aquela distância da beira do poço quando a água falou.

III. O MISTÉRIO DO POÇO

Cyprian Paynter não sabia o que esperava ver emergir do poço - o cadáver do homem assassinado ou apenas o espírito da fonte. De qualquer modo, nenhum deles se levantou, e ele reconheceu depois de um instante que este era, afinal de contas, o curso mais natural das coisas. Uma vez mais ele se recompôs, caminhou até a beira do poço e olhou para baixo. Viu, como antes, um vislumbre de água, a essa profundidade não mais brilhante do que a tinta; imaginou que ainda ouvia uma leve agitação e um murmúrio, mas que gradualmente se reduziam a uma quietude total. A não ser que mergulhasse em suicídio, não havia nada a ser feito. Ele percebeu que, com todo o seu equipamento, não tinha trazido nada como uma corda ou uma cesta, e decidiu voltar para buscar. À medida que ele refazia seus passos até a entrada, refletia e fazia um balanço de suas descobertas mais consistentes. Alguém tinha entrado na floresta, matado o squire e jogado ele no poço, mas ele não aceitou nem por um momento que fosse seu amigo poeta; embora se este último tivesse sido de fato visto saindo da floresta, o caso era sério. Enquanto caminhava, o crepúsculo, que escurecia rapidamente, estava entrelaçado de brilhos vermelhos, o que o fez quase imaginar, por um momento, que algum criminoso fantástico tinha incendiado a pequena floresta enquanto fugia. Um segundo relance lhe mostrou um daqueles pores-do-sol vermelhos, em que dias tão serenos às vezes se fecham.

Ao sair do portão sombrio das árvores, para o brilho total, ele viu uma figura escura, parada, no lugar onde ele havia deixado o lenhador. Não era o lenhador.

Era encimado por um alto chapéu preto de tipo funerário, e toda a figura estava tão negra contra o campo de fogo carmesim debruçado sobre a linha do céu, que ele não conseguia por um instante compreendê-la ou reconhecê-la. Quando o fez, foi com uma estranha mudança em todo o canal dos seus pensamentos.

- Doutor Brown! - ele exclamou – por que... o que estás fazendo por aqui?

- Estive falando com o pobre Martin - respondeu o médico, e fez um movimento bastante estranho com a mão em direção ao caminho para a aldeia. Seguindo o gesto, Paynter viu com dificuldade outra figura escura descendo na distância vermelho-sangue. Ele também viu que a mão que se mexia era realmente negra, e não apenas porque estava na sombra; e, chegando mais perto, descobriu que a roupa do médico era de fato funerária, até o detalhe das luvas escuras. Isso deu ao americano um pequeno - mas estranho - choque, como se ele fosse realmente um coveiro que subiu para enterrar um cadáver que não podia ser encontrado.

- O pobre Martin tem procurado seu machado - observou o Dr. Brown - mas eu disse-lhe que o tinha apanhado e guardado para ele. Entre nós, acho que ele dificilmente é digno de confiança.

Então, vendo o olhar para a sua roupa preta, ele acrescentou:

- Acabei de ir a um funeral. Sabia que houve outra perda? Pobre Jake, a mulher do pescador, lá embaixo na cabana na costa. Esta febre infernal, é claro.

Quando ambos viraram, de frente para a luz vermelha do escurecer, Paynter instintivamente fez um estudo mais atento, não apenas do vestuário do médico, mas do próprio médico. O Dr. Burton Brown era um homem alto, cauteloso, bem vestido, que de outra forma teria tido um ar quase

militar, senão pelos seus óculos e um intelectualismo quase doloroso na sua face castanha magra e na sua testa careca. O contraste foi confirmado pelo fato de que, enquanto seu rosto era do tipo ascético, geralmente mantido barbeado, ele tinha uma tira de bigode escuro, curto para que ele fosse capaz de morder, e ainda assim uma boca que muitas vezes se agitava, como se estivesse tentando mordê-lo. Ele poderia ter sido um inteligente cirurgião do exército, mas tinha mais o aspecto de um engenheiro, ou um daqueles serviços que combinam um silêncio militar com uma ciência mais do que militar. Paynter sempre tinha valorizado qualquer coisa de confiável no homem, e depois de um pouco de hesitação ele lhe contou todas as descobertas.

O médico pegou o chapéu do squire morto nas mãos, e o examinou com cuidado. Ele colocou um dedo no buraco do acessório e moveu-o meditativamente. E Paynter percebeu quão extravagante seu próprio cansaço deve tê-lo tornado; pois uma coisa tão tola como o dedo negro balançando através do rasgo da renda naquela relíquia branca desgastada, o desagradou inexplicavelmente. O médico logo fez a mesma descoberta com acuidade profissional, e a aplicou muito mais. Pois quando Paynter começou a contar-lhe da água em movimento no poço, ele o olhou por um momento, através de seus óculos, e então disse:

- Almoçou?

Paynter percebeu pela primeira vez que tinha, de fato, trabalhado e pensado furiosamente o dia todo sem comer.

- Por favor, não suponha que tenha dito que você almoçou demais - disse o médico, com humor lúgubre -. Pelo contrário, quero dizer que você almoçou muito pouco. Acho que estás um pouco inconsciente, e os teus nervos exaltam as coisas. De qualquer forma, deixe-me aconselhá-lo a não fazer mais nada essa noite. Não há nada a ser feito sem cordas ou algum tipo de equipamento de pesca, se é que é possível com isso; mas acho que posso arranjar-lhe alguma espécie de ferros de agarrar, que os pescadores

usam para puxar. O pobre Jake tem alguns, eu sei; eu os trarei até você amanhã de manhã. O fato é que eu vou ficar lá um pouco, pois ele está meio que num mau estado, e penso que é melhor que eu, e não um estranho, peça as coisas. Tenho a certeza de que vais entender.

Paynter entendeu o suficiente para concordar, e dificilmente saberia por que ficou observando vagamente o médico descer a íngreme estrada da costa, para a cabana do pescador. Então ele jogou fora pensamentos que ele não tinha examinado, ou mesmo conscientemente alimentado, e caminhou lenta e pesadamente de volta para a “Vane Arms”.

O médico, ainda de modo funerário, embora já não estivesse assim vestido, apareceu pontualmente sob a placa de madeira na manhã seguinte, carregando o que tinha prometido; um aparelho de anzóis e uma rede de pendurar, para içar qualquer coisa afundada a uma profundidade razoável. Ele estava prestes a iniciar a sua jornada profissional, e nada mais disse para dissuadir o americano de prosseguir por conta própria, com a sua experiência pouco profissional como detetive. Aquele amador animado tinha de fato recuperado a maior parte, se não toda, da energia de ontem, e estava agora bem preparado para passar qualquer exame médico, regressou, assim, com toda a sua própria energia, ao local do esforço anterior.

Ele provavelmente estava mais alegre, porque teria segundo dia de labuta mais tranquilo, já que ele não só tinha a luz do sol e o canto dos pássaros na pequena mata, para não falar do aparato mais científico para trabalhar, mas também contava com o companheirismo humano, e do tipo mais inteligente. Depois de deixar o médico, e antes de deixar a aldeia, ele pensou em procurar a pequena praça ou praceta, onde ficava a calma casa marrom de Andrew Ashe, o advogado, e as operações de busca foram realizadas pelos dois. Duas cabeças estavam espreitando sobre o poço na floresta: uma de cabelo amarelo, magra e ansiosa; a

outra de cabelo vermelho, pesada e ponderosa; e se for verdade que duas cabeças são melhores que uma, é mais verdade que quatro mãos são melhores que duas. Em todo caso, seus esforços unidos e repetidos deram finalmente frutos, se algo tão duro, e escasso, e desesperançado, pode ser chamado de fruto. Pesava solto na rede enquanto era levantado, e enrolava na borda gramada do poço; era um osso.

Ashe agarrou-o e ficou com ele na mão, franzindo o cenho.

- Faz-nos falta o Dr. Brown aqui - disse ele -. - Isto pode ser o osso de algum animal. Qualquer cão ou ovelha pode cair num poço escondido.

Depois ele interrompeu, pois o seu companheiro já estava a soltar um segundo osso da rede.

Após mais meia hora de esforço, Paynter teve ocasião de comentar:

- Deve ter sido um cão bastante grande.

Já havia um amontoado de fragmentos brancos a seus pés.

- Eu nunca vi nada - disse Ashe, falando mais claramente - que fosse tão certamente um osso humano.

- Eu imagino que isto deva ser um osso humano - disse o americano.

E ele virou-se um pouco, enquanto entregava um crânio ao outro.

Não havia dúvida de que tipo de crânio; havia a singular curvatura que guarda o mistério da razão, e por baixo dela os dois buracos negros que tinham segurado os olhos humanos. Mas logo acima daquele, à esquerda, havia outro buraco negro menor, que não era um olho.

Então o advogado disse, com algo parecido com algum esforço:

- Podemos admitir que é um homem sem admitir que é... qualquer homem em particular. Pode haver algo verdadeiro, afinal de contas, naquele causo do bêbado; ele

pode ter caído no poço. Sob certas condições, depois de certos processos naturais, eu imagino, os ossos podem ser desnudados desta maneira, mesmo sem a habilidade de qualquer assassino. Faz-nos falta o médico, de novo.

Então ele acrescentou, de repente, e o próprio som da sua voz sugeria que ele mal acreditava nas suas próprias palavras:

- Não tens aí o chapéu do pobre Vane?

Ele tirou-o da mão do silencioso americano, e com uma espécie de pressa colocou-o na cabeça ossuda.

- Não! - disse o outro, involuntariamente.

O advogado tinha colocado o dedo, como o médico tinha feito, através do buraco do chapéu, e ele estava exatamente sobre o buraco no crânio.

- Eu tenho mais direito de estremecer do que você - disse ele com firmeza, mas com uma voz vibrante -, penso que sou o amigo mais velho.

Paynter acenou com a cabeça, sem falar, aceitando a identificação final. A última dúvida, ou esperança, tinha partido, e ele voltou-se para os equipamentos de busca, e não falou até ter feito a sua última descoberta

O canto dos pássaros parecia crescer mais alto sobre eles, e a dança das folhas verdes do verão se repetia além na dança do mar verde do verão. Somente as grandes raízes das árvores misteriosas podiam ser vistas, sendo o seu resto muito alto, e ao redor um bosque de criaturas pequenas, animadas e felizes. Eles poderiam ser dois naturalistas inocentes, ou mesmo duas crianças que pescaram enguias ou morcegos nas férias de verão, quando Paynter puxou algo que pesava na rede, mais pesadamente do que qualquer osso. Quase quebrou as telas, e caiu contra uma pedra de musgo com um tilintar.

- A verdade está no fundo do poço - gritou o americano, com o erguer da sua voz -. O machado do lenhador.

Estava, de fato, plana e resplandecente na relva, junto ao poço no bosque, tal como se tinha deitado na mata onde o lenhador a atirou no início de todas estas coisas. Mas num canto da lâmina brilhante estava uma mancha castanha sem brilho.

- Entendo... - disse Ashe - o machado do lenhador e, portanto, o lenhador. As suas deduções são rápidas.

- As minhas deduções são razoáveis - disse Paynter -. Olhe aqui, Sr. Ashe; eu sei o que está a pensar. Eu sei que desconfias do Treherne, mas tenho a certeza de que será justo sobre tudo isso. Para começar, certamente a primeira suposição é que o machado do lenhador deve ser usado pelo Lenhador. O que tem a declarar sobre isso?

- Eu digo 'não' a isso - respondeu o advogado -. A última arma que um lenhador usaria seria o machado de um lenhador; isto é, se ele fosse um homem são.

- Ele não é - disse Paynter calmamente -, você disse que queria a opinião do médico agora mesmo. A opinião do médico sobre este ponto é a mesma que a minha. Nós dois o encontramos andando por aí fora; é óbvio que este negócio subiu-lhe à cabeça, de qualquer forma. Se o assassino fosse um homem de negócios como você, o que você diz poderia ser possível. Mas este assassino é um místico. Ele foi conduzido por uma tolice fanática sobre as árvores. É bem provável que ele pensasse que havia algo solene e sacrificial sobre o machado, e gostaria de ter cortado a cabeça de Vane perante uma multidão, como a de Carlos I[27]. Ele ainda está à procura do machado, e provavelmente pensa que é uma relíquia sagrada.

- Por essa razão - disse Ashe, sorrindo - ele atirou-o instantaneamente ao poço.

Paynter riu.

- Você me pegou aí, com certeza - disse ele -. Mas acho que tens outra coisa na tua mente. Vais dizer, suponho, que estávamos todos a observar a floresta; mas

estávamos? Francamente, eu quase podia imaginar que as árvores de pavões me atingiram com uma espécie de doença - uma doença do sono.

- Bem - admitiu Ashe - você também me pegou. Receio não poder jurar que estava sempre acordado; mas eu não culpo as árvores mágicas por isso - apenas um hobby privado de ir para a cama à noite. Mas veja aqui, Sr. Paynter; há outro e melhor argumento contra qualquer forasteiro da aldeia ou do campo que tenha cometido o crime. É verdade que ele pode ter passado por nós de alguma forma, e ter ido atrás do squire. Mas por que ele deveria ir atrás dele na floresta? Como é que ele sabia que estava na floresta? Você se lembra como, de repente, o antigo adolescente se apoderou dele, como que num impulso momentâneo. É o último lugar onde normalmente se procura um homem assim, no meio da noite. Não, é uma coisa desagradável de se dizer, mas nós, o grupo à volta daquela mesa de jardim, éramos as únicas pessoas que sabíamos. O que me traz de volta ao único ponto das suas observações que por acaso penso ser perfeitamente verdadeiro.

- O que é? - perguntou o outro.

- Que o assassino era um místico - disse Ashe -. Mas um místico mais esperto que o pobre velho Martin.

Paynter fez um murmúrio de protesto, e depois ficou calado.

- Falemos francamente - resumiu o advogado -. Treherne sabia de todos aqueles aspectos loucos, que você mesmo admite, sobre o lenhador. Ele tinha o conhecimento do paradeiro do Vane, que ninguém pode atribuir ao lenhador. Mas ele tinha muito mais. Quem é que provocou o squire para ir para a floresta? O Treherne. Quem praticamente profetizou, como um astrólogo charlatão infernal, que algo lhe aconteceria se ele fosse para o bosque? O Treherne. Quem estava, por alguma razão, não importa qual, obviamente ardendo de raiva e inquietação

toda aquela noite, batendo as pernas impacientemente de um lado para o outro no penhasco, e saindo com palavras selvagens sobre tudo acabar logo? Treherne. E ainda por cima, quando me aproximei do bosque, quem é que eu vi sair dele rápida e silenciosamente, como uma sombra, mas virando o seu rosto em direção à lua? No meu juramento e na minha honra, Treherne.

- É horrível - disse Paynter, como um homem atordoado -, o que você diz é simplesmente horrível.

- Sim - disse Ashe a sério -, muito horrível, mas muito simples. Treherne sabia onde o machado foi originalmente atirado. Eu o vi, naquele primeiro dia em que ele almoçou aqui, observando-o como um lobo, enquanto a senhorita Vane falava com ele. Naquela noite horrível, ele podia facilmente tê-lo apanhado quando foi para a floresta. Ele sabia sobre o poço, sem dúvida; quem poderia conhecer alguma tradição antiga sobre as árvores de pavões? Ele escondeu o chapéu nas árvores, onde talvez esperasse (embora a questão não seja importante) que ninguém se atrevesse a olhar. De qualquer forma, ele o escondeu, simplesmente porque era a única coisa que não afundaria no poço. Sr. Paynter, você acha que eu diria isso, sobre qualquer homem, por mero desgosto? Poderia qualquer homem dizer isso, sobre qualquer homem, a menos que o caso estivesse completo, como este está completo?

- Está completo - disse Paynter, muito pálido -. Não tenho mais nada contra este caso, a não ser um sentimento fraco e irracional; um sentimento de que, de uma forma ou de outra, se o pobre Vane pudesse estar vivo diante de nós neste momento, ele poderia contar uma outra, e ainda mais incrível história.

Ashe fez um gesto pesaroso.

- “Estes ossos secos podem viver?” - disse ele.

- "Senhor Tu sabes” - respondeu o outro, mecanicamente -, "mesmo estes ossos secos..."[28]

E ele parou de repente com a boca aberta, e uma luz ofuscante de maravilha em seus olhos pálidos.

- Veja aqui – disse, rouco e apressadamente -, disseste a palavra. O que é que isso significa? O que pode significar? Secos? Por que é que estes ossos estão secos?

O advogado começou e olhou fixamente para aquele amontoado.

- O teu caso está completo!? - exclamou Paynter, em excitação crescente -. Onde está a água no poço? A água que eu vi saltar como uma chama? Por que é que saltou? Para onde é que ela foi? Completo?! Estamos soterrados por enigmas.

Ashe inclinou-se, pegou num osso e olhou para ele.

- Tens razão - disse ele, com uma voz baixa e abalada: - este osso é tão seco quanto um... osso.

- Sim, eu estou certo - respondeu Cyprian -. E o teu místico ainda é tão misterioso quanto um... místico.

Houve um longo silêncio. Ashe largou o osso, pegou o machado, e estudou-o mais de perto. Para além da mancha fosca no canto do aço, não havia nada de anormal nele, a não ser um trapo branco largo enrolado à volta do cabo, talvez para dar uma melhor aderência. O advogado achou que valia a pena notar, no entanto, que o trapo era certamente mais novo e mais limpo do que o machado. Mas ambos estavam bastante secos.

- Sr. Paynter - ele disse, finalmente -, admito que você pontuou, no espírito, se não na letra. Em estrita lógica, este enigma maior não é uma resposta ao meu caso. Se este machado não foi mergulhado na água, foi mergulhado no sangue; e o saltar da água do poço não é uma explicação para o poeta que emerge do bosque[29]. Mas eu admito que, moralmente e praticamente, faz uma diferença vital. Não[30] estamos diante de uma contradição colossal, e não sabemos até onde ela se estende. O corpo pode ter sido partido ou cozido até os ossos pelo assassino, embora possa

ser difícil relacioná-lo com as condições do assassinato. É possível também que tenha sido reduzido por alguma propriedade da água e do solo, pois a decomposição varia muito com estas coisas. Eu não deveria descartar meu forte caso *prima facie* contra a pessoa provável por causa dessas dificuldades. Mas aqui temos algo completamente diferente. Que os próprios ossos permaneçam secos num poço cheio de água, ou num poço que ontem estava cheio de água - nos leva à beira de algo além do qual não podemos adivinhar. Há um novo fator, enorme e bastante desconhecido. Enquanto não podemos combinar fatos tão prodigiosos, não podemos combinar um caso contra Treherne, ou contra ninguém. Não; há apenas uma coisa a ser feita agora. Como não podemos acusar Treherne, devemos apelar para ele. Devemos colocar o caso com franqueza diante dele, e confiar que ele tem uma explicação - e que a dará. Sugiro que regressemos e o façamos agora.

Paynter, começando a seguir, hesitou um momento, e depois disse:

- Perdoe-me por uma pequena liberdade; como você diz, você é um amigo mais velho da família. Concordo inteiramente com a sua sugestão, mas antes de agir com base nas suas suspeitas atuais, sabe, acho que a senhorita Vane deve ser meio que... avisada? Receio que tudo isto seja um novo choque para ela.

- Muito bem - disse Ashe, depois de olhar para ele com firmeza por um instante -. Vamos falar primeiro com ela.

Da abertura da mata podiam ver Bárbara Vane escrevendo na mesa do jardim, cheia de correspondências, e o mordomo, com seu rosto amarelo, esperando atrás de sua cadeira. À medida que a parcela de grama diminuía entre eles, e o pequeno grupo à mesa ficava maior e mais claro à luz do sol, Paynter tinha uma dolorosa sensação de fazer parte de uma comissão da tragédia. Ficou mais nítido quando a menina olhou por cima da mesa e sorriu ao vê-los.

- Eu gostaria de falar com a senhora, particularmente, se me permite - disse o advogado, com um toque de autoridade em seu olhar; e quando o mordomo foi dispensado, ele abriu todo o assunto diante dela, falando simpaticamente, mas não deixando nada de fora, desde a estranha fuga do poeta do bosque, até o último detalhe dos ossos secos fora do poço. Não se podia encontrar nenhuma falha em nenhum dos seus tons ou frases, e ainda assim, Cyprian, formigando em cada nervo com a fina delicadeza da sua gente em relação ao outro sexo, sentia-se como se estivesse diante de um inquisidor. Ele ficava de pé, assistia as poucas nuvens coloridas no céu claro e os pássaros brilhantes darem os seus disparos sobre o bosque, e desejava de coração subir na árvore novamente.

Logo, no entanto, a forma como a garota reagiu começou a deixá-lo perplexo, em vez de piedoso. Não era como ele tinha imaginado, e mesmo assim não conseguia distinguir o nuance da diferença. A identificação final do crânio de seu pai, pelo buraco no chapéu, deixou-a um pouco pálida, mas a manteve composta; isso talvez fosse explicável, já que ela tinha, desde o primeiro momento, tomado a visão pessimista. Mas, durante o resto da história, descansou, sob suas sobrancelhas largas, sob seus acessórios de cobre para cabelo, um espírito que era em si mesmo um mistério. Ele só podia dizer a si mesmo que ela era menos meramente receptiva, firme ou fraca, do que ele esperava. Era como se ela refletisse, não sobre o problema deles, mas sobre ela mesma. Ela ficou em silêncio por muito tempo, e disse, finalmente:

- Obrigado, Sr. Ashe, estou realmente muito agradecida. Afinal de contas, isto leva as coisas ao ponto em que elas deveriam ter chegado, mais cedo ou mais tarde.

Ela olhou sonhadoramente para a floresta e para o mar, e continuou:

- Não só tenho de pensar em mim, sabe, mas se você está mesmo pensando ISSO, está na hora de eu me manifestar, sem perguntar a ninguém. Você diz, como se fosse algo muito terrível: “O Sr. Treherne estava no bosque naquela noite". Bem, não é assim tão horrível para mim, sabe, porque eu sei que ele estava. Na verdade, nós estávamos lá juntos.

- Juntos! - repetiu o advogado.

- Estávamos juntos - disse ela calmamente -, porque tínhamos o direito de estar juntos.

- Queres dizer - gaguejou Ashe, surpreendido consigo mesmo - que estavam noivos?

- Não, não - disse ela -, nós estávamos casados.

Então, em meio a um silêncio estonteante, ela acrescentou, como uma espécie de pensamento posterior:

- Na verdade, ainda estamos.

Ainda que carregasse uma sólida compostura, o advogado sentou-se na cadeira com uma espécie de estupefação maciça em relação à qual Paynter não podia deixar de rir.

- Você vai me perguntar, é claro - disse Bárbara, da mesma forma comedida -, por que deveríamos nos casar em segredo, de forma que até meu pobre pai não soubesse. Bem, eu lhe respondo francamente para começar; porque, se ele soubesse, certamente teria me deserdado. Ele não gostava do meu marido, e eu imagino que também não gostes dele. E quando eu lhe digo isso, sei perfeitamente o que você vai responder: “o aventureiro de sempre que se apodera da herdeira de sempre”. É bastante razoável, e, por acaso, é bastante errado. Se eu tivesse enganado meu pai por causa do dinheiro, ou mesmo por causa de um homem, eu deveria ter um pouco de vergonha de falar com você sobre isso. E acho que pode ver que não tenho vergonha.

- Sim, disse o americano - com uma inclinação séria -, sim, eu posso ver isso.

Ela olhou para ele pensativamente por um momento, como se estivesse procurando palavras para um assunto obscuro, e depois disse:

- Lembra-se, Sr. Paynter, daquele dia em que almoçou aqui pela primeira vez, e nos contou sobre as árvores africanas? Bem, era o meu aniversário; quero dizer, o meu primeiro aniversário. Eu nasci ali, ou acordei, ou algo assim. Eu andava neste jardim como um sonâmbulo ao sol. Acho que há muitos sonâmbulos assim no nosso cenário e na nossa sociedade; atordoados com a saúde, drogados com boas maneiras, ajustando-se bem demais ao seu ambiente para estarem vivos. Bem, eu ganhei vida de alguma forma; e vocês sabem como são profundas em nós as coisas que sentimos pela primeira vez quando éramos bebês, e começamos a perceber hoje. Eu comecei a reparar. Uma das primeiras coisas em que reparei foi na sua própria história, Sr. Paynter. Sinto como se tivesse ouvido falar de São Securis como quando as crianças ouvem falar do Papai Noel, e como se aquela grande árvore fosse um bicho papão em que eu ainda acreditava. Pois eu ainda acredito em tais coisas, ou melhor, acredito cada vez mais nelas; tenho a certeza de que o meu pobre pai foi para a tumba por descrença, e vocês estão todos se encaminhando para a ruína depois dele. É por isso que eu, honestamente, quero a propriedade, e é por isso que eu não tenho vergonha de querer isso. Estou perfeitamente certa, Sr. Paynter, que ninguém pode salvar esta terra perecedora, e estas pessoas perecedoras, a não ser aqueles que as compreendem. Quero dizer, aqueles que compreendam mil pequenos sinais e guias no próprio solo e leito da terra, e vestígios que estão quase soterrados. Meu marido entende, e eu comecei a entender; meu pai nunca teria entendido. Há poderes, há o espírito de um lugar, há presenças que não devem ser ignoradas. Ah, não imaginem que eu esteja atrás dos bons velhos tempos, de maneira sentimental e nostálgica. Os velhos tempos não eram todos bons; esse é exatamente o

ponto, e devemos entender o suficiente para distinguir o bem do mal. Devemos entender o suficiente para salvar os vestígios de um santo ou de uma tradição sagrada, ou, onde um deus perverso foi adorado, para destruir seu altar e cortar seu bosque.

- Seu bosque, disse Paynter automaticamente, e olhou em direção à pequena floresta, onde os pássaros voavam sob o sol.

- Senhora Treherne - disse Ashe, com uma calma formidável -, não sou tão insensível a tudo isto, como você talvez possa supor. Nem vou dizer que é só loucura, pois é algo melhor. É, se me é permitido dizê-lo, loucura de lua-de-mel[31]. Nunca negarei o ditado que diz que aquilo que faz o mundo girar, também faz girar a cabeça das pessoas. Mas há outros sentimentos, senhora, e outros deveres. Não preciso lhe dizer que seu pai era um bom homem, e que o que lhe aconteceu seria lamentável, mesmo como destino dos ímpios. Isso é uma coisa horrível, e é principalmente entre os horrores que devemos manter o nosso bom senso. Há razões para tudo, e quando o meu velho amigo está mutilado, não me venhas com os mais belos contos de fadas sobre um santo e o seu bosque encantado.

- Pois bem, e você! - exclamou ela, e levantou-se radiante e rapidamente -, com que tipo de contos de fadas vens ter comigo? Em que bosques encantados estás a andar? Você vem e me diz que o Sr. Paynter encontrou um poço onde a água dançou e depois desapareceu; mas é claro que os milagres são só tolice! Você mesmo me diz que pescou ossos do fundo da mesma água, e cada osso estava seco como um biscoito; mas pelos céus, não digamos nada que faça a mente de alguém girar! Francamente, Sr. Ashe, deve tentar preservar o seu bom senso!

Ela estava sorrindo, mas com os olhos brilhantes; e Ashe chegou a seus pés com um riso involuntário de rendição.

- Bem, temos de ir - disse ele -. Posso dizer que um tributo é realmente devido ao seu novo aperfeiçoamento transcendental? Se me permite, sempre soube que você tinha esperteza; e você tem aprendido a usá-la.

Os dois detectives amadores voltaram para a floresta por um momento, para que Ashe pudesse considerar a remoção dos restos mortais do infeliz squire. Como ele assinalou, agora era legalmente possível fazer um inquérito e, mesmo nessa fase inicial das investigações, ele era a favor de o realizar de imediato.

- Eu serei o juiz de investigação - disse ele -, e penso que será um caso de “alguma pessoa ou pessoas desconhecidas”. Não se surpreenda; muitas vezes isso é feito para dar aos culpados uma falsa segurança. Esta não é a primeira vez que a polícia considera conveniente que o inquérito seja feito primeiro e o processo judicial depois.

Mas Paynter tinha prestado pouca atenção a isso; pois seu grande impulso de entusiasmo, há muito desperdiçado em artes e espetáculos, foi levado à inspiração pelo romance da vida real em que tinha acabado de entrar. Ele era realmente um grande crítico; ele tinha um gênio para a admiração, e sua admiração variava adequadamente com tudo o que ele admirava.

- Uma esplêndida garota e uma esplêndida história - ele dizia, em voz baixa -. Eu me sinto como se estivesse de novo apaixonado, não muito por ela, mas por Eva ou Helena de Tróia, ou por algum refúgio de beleza na manhã do mundo. Você não ama todas estas coisas heroicas, essa grandiosidade e candura, e a maneira como ela se afastou de uma espécie de trono para ficar em um mundo selvagem com um vagabundo? Oh, acredite, é ela que é a poetisa; ela tem a razão superior, honra e valor estão em êxtase em sua alma.

- Em resumo, ela é estranhamente bonita - respondeu Ashe, com algum cinismo -. Eu conheci muito bem uma

assassina que era bastante parecida com ela. Tinha apenas seus cabelos pintados.

- Você fala como se um assassino pudesse ser apanhado pelo cabelo ruivo, em vez de por ter suas mãos manchadas de sangue[32] - replicou Paynter -. Porque, neste preciso momento, você mesmo pode ser apanhado de cabelos coloridos. Você é um assassino, por acaso?

Ashe olhou para cima rapidamente, e depois sorriu.

- Receio ser um *connoisseur* de assassinos, como você é de poetas - respondeu ele -, e eu lhe asseguro que eles têm todas as cores de cabelos, bem como temperamento. Eu suponho que seja desumano, mas o meu é um ofício monstruosamente interessante, mesmo em um lugarzinho como este. Quanto àquela garota, é claro que a conheço a vida toda, e - mas - mas essa é exatamente a questão. Eu conheço toda a vida dela? Será que a conheci de todo? Estava sequer lá para ser conhecida? Você a admira por dizer a verdade; e assim ela fez, por Deus, quando disse que algumas pessoas acordam tarde, que nunca viveram antes. Sabemos o que eles poderiam fazer - nós, que só os vimos dormindo?

- Céus! - gritou Paynter - Não te atrevas a sugerir que ela...

- Não, não me atrevo - disse o advogado, com compostura -, mas há outras razões... Não sugiro nada completamente, até termos tido a nossa entrevista com este seu poeta. Acho que sei onde encontrá-lo.

Eles o encontraram, de fato, antes do esperado, sentado no banco do lado de fora da “Vane Arms”, bebendo uma caneca de cidra e esperando o retorno de seu amigo americano; então não foi difícil iniciar uma conversa com ele. Nem evitou, de forma alguma, o assunto da tragédia; e o advogado, sentado também no longo banco que fazia frente ao pequeno mercado, logo estava colocando os

últimos desdobramentos de forma tão lúcida quanto os havia colocado à Bárbara.

- Bem - disse finalmente Treherne, inclinando-se para trás e franzindo o rosto para a placa, com os pássaros coloridos e os golfinhos, quase na sua cabeça -, suponha que alguém matou o squire. Ele tinha matado muita gente com a seu higienismo e o seu senhorio iluminado.

Paynter estava bastante inquieto com esta abertura alarmante; mas o poeta prosseguiu com sua frieza, com as mãos nos bolsos e os pés empurrados para fora, na rua.

- Quando um homem tem o poder de um sultão na Turquia, e o usa com as ideias de uma solteirona em Tooting[33], muitas vezes me pergunto porquê ninguém coloca uma faca dentro dele. Eu gostaria que houvesse mais simpatia por assassinos, de alguma forma. Lamento muito que o pobre velho tenha ido embora; mas os senhores parecem sempre esquecer que há outras pessoas no mundo. Ele está bem; ele era um bom sujeito, e sua alma, eu imagino, foi para o paraíso mais feliz de todos.

O americano, ansioso, não conseguiu ler nada do efeito disso no napoleônico rosto sombrio do advogado, que simplesmente disse:

- O que queres dizer?

- O paraíso do tolo[34] - disse Treherne, e drenou o seu jarro de cidra.

O advogado levantou-se. Ele não olhou para Treherne, nem falou com ele; mas olhou e falou diretamente sobre ele para o americano, que achou a afirmação nem um pouco inesperada.

- Sr. Paynter - disse Ashe -, o senhor achou bastante mórbido da minha parte colecionar assassinos; mas é uma coisa boa para a sua própria perspectiva do caso que eu o faça. Pode surpreendê-lo saber que o Sr. Treherne, aos meus olhos, já se livrou completamente de suspeitas. Tenho sido íntimo de vários assassinos, como lhe informei; mas há uma

coisa que nenhum deles jamais fez. Nunca soube de um assassino que falasse sobre o assassinato, e depois imediatamente o negasse e o defendesse. Não, se um homem está a esconder o seu crime, para quê fazer um esforço para pedir desculpa por isso?

- Bem - disse Paynter, com seu pronto reconhecimento - eu sempre disse que você era um homem notável; e isso é certamente uma ideia notável.

- Será que compreendo - perguntou o poeta, batendo os calcanhares nas pedras - que ambos os cavalheiros me tivessem gentilmente encaminhado para a forca?

- Não - disse Paynter pensativamente -. Nunca te achei culpado; e mesmo supondo que eu o tivesse feito, se me entendes, nunca deveria ter achado tão culposo ser culpado. Não teria sido por dinheiro ou qualquer coisa má, mas por algo um pouco mais selvagem e digno de um homem de gênio. Afinal, suponho, o poeta nutre suas paixões como se fossem grandes apetites não-materiais; e o mundo sempre julgou mais gentilmente os seus pecados. Mas agora que o Sr. Ashe admite a sua inocência, posso dizer honestamente que sempre a afirmei.

O poeta também se levantou.

- Bem, eu sou inocente, por estranho que pareça - disse ele -. Acho que posso dar um bom palpite sobre o seu desaparecimento, mas da morte e dos ossos secos não sei mais do que o morto; se tanto. E, a propósito, meu caro Paynter - e ele virou dois olhos brilhantes para o crítico de arte - vou escusar-te de me escusares por todas as coisas que não fiz; e tu, espero, vais desculpar-me se eu divergir completamente de ti sobre a moralidade dos poetas. Como você sugere, é uma visão da moda, mas eu acho que é uma falácia. Nenhum homem tem menos direito a ser um fora da lei do que um homem de imaginação. Pois ele tem aventuras espirituais e pode tirar as suas férias quando quiser. Eu poderia imaginar o pobre squire transportado para a Terra dos Elfos sempre que eu quisesse que ele fosse

transportado, e esse bosque não precisaria de nenhum crime para torná-lo maligno para mim. Aquele pôr-do-sol vermelho na outra noite era tudo o que um assassinato teria sido para muitos homens. Não, Sr. Ashe; mostre, na próxima vez que se sentar em juízo, um pouco de misericórdia para com um homem miserável que bebe e rouba porque precisa beber cerveja para prová-la, e roubá-la para bebê-la. Tenha compaixão do próximo grupo de pobres ladrões, que têm que tocar as coisas para tê-las. Mas se alguma vez você me encontrar roubando um pequeno petisco, quando eu posso fechar meus olhos e ver a cidade de El Dorado, então - e ele levantou a cabeça como um falcão - não me mostre misericórdia, pois eu não mereço nenhuma.

- Bem - comentou Ashe, depois de uma pausa -, tenho que ir e acertar as coisas para o inquérito. Sr. Treherne, sua atitude é singularmente interessante; eu realmente quase gostaria de poder adicioná-lo à minha coleção de assassinos. Eles são um conjunto variado e extraordinário.

- Já lhe ocorreu - perguntou Paynter -, que talvez os homens que nunca cometeram assassinato sejam um conjunto variado e muito extraordinário? Talvez a vida de todos os homens simples contenha o verdadeiro mistério, o segredo dos pecados evitados.

- Possivelmente - respondeu Ashe -. Seria um grande negócio parar o próximo homem na rua e perguntar-lhe que crimes ele nunca cometeu e porque não. Acontece que estou ocupado, por isso peço licença.

- Qual - perguntou o americano, quando ele e o poeta estavam sozinhos - é o seu palpite sobre a água que desaparece?

- Bem, ainda não tenho certeza se vou te dizer - respondeu Treherne, com um pouco da velha travessura voltando aos seus olhos escuros -. Mas vou dizer-te outra coisa, que pode estar ligada a isso; algo que eu não podia dizer até a minha mulher te ter contado sobre o nosso

encontro na floresta -. O seu rosto tinha voltado a ficar sério, e ele recomeçou depois de uma pausa:

- Quando a minha mulher começou a seguir o pai, aconselhei-a a voltar primeiro para casa, e sair por outra porta, encontrando-se comigo no bosque depois de meia hora. Fizemos muitas vezes essas designações, é claro, e geralmente as achávamos muito divertidas, mas desta vez a questão era séria, e eu não queria que se fizesse a coisa errada por conta da pressa. Era uma questão de saber se algo poderia ser feito para desfazer uma experiência que ambos sentimos vagamente ser perigosa, e ela considerou acima de tudo, após reflexão, que a interferência iria piorar as coisas. Ela pensava que o velho paladino, tendo sido desafiado a fazer algo, certamente não seria dissuadido pelo próprio homem que o tinha desafiado, ou por uma mulher que ele considerava uma criança. Ela me deixou finalmente numa espécie de desespero, mas eu permaneci com uma última esperança de fazer algo, e me aproximei, ainda duvidoso, do coração do bosque; e lá, ao invés do silêncio que eu esperava, ouvi uma voz. Parecia que o squire falava com ele mesmo, e eu tinha a desagradável fantasia de que ele já tinha perdido a razão naquela mata mágica. Mas logo descobri que se ele falava, falava com duas vozes. Outras fantasias me atacaram, já que a outra era a voz da árvore, ou as vozes das três árvores falando juntas, e sem que nenhum homem estivesse por perto. Mas não era a voz da árvore. No momento seguinte conheci a voz, pois já a tinha ouvido vinte vezes do outro lado da mesa. Era a voz daquele doutor; ouvi-a com tanta certeza como tu ouves agora a minha voz.

Depois de um momento de silêncio, ele retomou:

- Deixei a floresta, mal sabia por que, com sentimentos selvagens e desconcertados; e ao sair ao luar, vi aquele velho advogado parado em silêncio, mas a olhar para mim como uma coruja. Pelo menos uma luz tocava os seus cabelos, vermelhos como fogo, mas o seu rosto

quadrado e velho estava na sombra. Mas eu sabia, se o pudesse ler, que era o rosto de um juiz de enforcamento.

Ele se jogou no banco novamente, sorriu um pouco, e acrescentou:

- Só que, como muitos juízes de enforcamento, eu imagino, ele estava esperando pacientemente para enforcar o homem errado.

- E o homem certo... - disse Paynter, mecanicamente. Treherne encolheu os ombros, espalhou-se no banco, e brincou com o sua caneca vazia.

IV. A BUSCA PELA VERDADE

Algum tempo depois do interrogatório, que tinha terminado no veredito inconclusivo que o próprio Sr. Andrew Ashe tinha previsto e conseguido, Paynter estava novamente sentado no banco do lado de fora da pousada da aldeia, tendo na pequena mesa à sua frente um caneco de light ale, que ele apreciava muito mais como cor local do que como licor. Ele só tinha um companheiro no banco, que era novo, pois o pequeno mercado estava vazio àquela hora, e recentemente, ademais, ele estava muito só. Ele não estava infeliz, mas parecia seu grande compatriota, Walt Whitman[35], ao carregar consigo uma espécie de universo como um guarda-chuva aberto; ele, porém, não estava apenas sozinho, mas solitário. Pois Ashe tinha ido subitamente a Londres, e desde o seu regresso tinha se ocupado obscuramente com assuntos legais, sem dúvida, com relação ao assassinato. Treherne, há muito tempo, havia assumido abertamente o seu cargo, na casa grande, como marido da grande senhora, e ele e ela estavam ocupados com reformas abrangentes na propriedade. A senhora, em especial, sendo do tipo cujos próprios sonhos "levavam à prática", estava realizando jardinagem paisagística, como com os gestos de uma gigante.

Era natural, portanto, que um espírito tão sociável como Paynter, caísse em diálogo com um outro estranho, que estava hospedado na pousada, evidentemente uma ave de passagem como ele. Esse homem, que fumava um cachimbo no banco ao seu lado, com sua mochila diante da

mesa, era um artista que veio rascunhar naquela costa romântica; um homem alto de casaco de veludo, com um toque de cabelo de cor de estopa, uma barba longa e justa, mas olhos marrons escuros, cujo efeito de contraste lembrava vagamente a Paynter, ele mal sabia o porquê, um russo. O estranho levou a sua mochila para muitos cantos pitorescos; obteve permissão para montar o seu cavalete naquele jardim alto onde o falecido squire tinha dado os seus banquetes ao ar livre. Mas Paynter nunca tinha tido a oportunidade de julgar o trabalho do artista, nem achou fácil conseguir que o artista sequer falasse de sua arte. O próprio Cyprian estava sempre pronto para falar de qualquer arte, e ele falava disso com excelência, mas com respostas breves. Ele deu suas próprias razões para preferir os cubistas ao culto de Picasso, mas seu novo amigo parecia ter apenas um ligeiro interesse em qualquer um dos dois. Ele insinuou que talvez os Neo-Primitivos estivessem afinal apenas afinando seus traços, enquanto os verdadeiros Primitivos estavam os apertando; mas o desconhecido parecia receber a insinuação sem nenhuma reação aparente de sentimentos. Quando Paynter voltou ao passado tão antigo quanto o dos Pós-Impressionistas, para encontrar um terreno comum, e não o encontrou, outras memórias começaram a rastejar de volta à sua mente. Ele estava apenas refletindo, de forma bastante sombria, que depois de toda a história dos pavões, precisava de um misterioso desconhecido para terminá-la, e esse homem tinha muito o ar de ser um, quando o próprio misterioso desconhecido disse de repente:

- Creio que é melhor que eu lhe mostre o trabalho que tenho realizado aqui.

Ele tinha sua mochila na mesa, e sorriu bastante quando começou a abri-la. Paynter olhou com expressões cordiais de interesse, mas ficou consideravelmente surpreso, quando o artista desempacotou e colocou sobre a mesa, não qualquer obra de arte reconhecível, mesmo da

descrição mais cubista, mas (primeiro) uma papelada de almaço rigorosamente escrita com notas em tinta preta e vermelha, e (segundo), para extremo espanto do americano, o velho machado do lenhador, com o pano enrolado no cabo, que ele mesmo havia encontrado no poço, há muito tempo.

- Desculpe dar-lhe um susto, senhor - disse o artista russo, com um acentuado sotaque londrino -. Mas é melhor eu explicar logo que sou um policial.

- Você não parece - disse Paynter.

- Eu não devo parecer - respondeu o outro -. O Sr. Ashe trouxe-me aqui da *Yard*[36] para investigar; mas ele disse-me para lhe informar quando eu tivesse algo para ir atrás. Gostaria de entrar no assunto agora?

- Quando eu aceitei este caso - explicou o detetive -, eu o fiz a pedido do Sr. Ashe, e em grande parte, é claro, nas linhas do Sr. Ashe. O Sr. Ashe é um grande advogado criminal; com um belo cérebro, senhor, tão cheio como o Calendário Newgate[37]. Tomei, como noção de trabalho, a sua opinião de que só cinco cavalheiros à volta da mesa no jardim do squire conheciam os movimentos do squire. Mas os senhores, se me é permitido dizê-lo, têm uma maneira de esquecer certas outras coisas e outras pessoas, que somos ensinados a procurar primeiro. E enquanto eu acompanhava os inquéritos do Sr. Ashe, ao longo das etapas que já conhecem, passando por certas suspeitas que não preciso discutir porque foram abandonadas, encontrei afinal a coisa a evoluir em direção a algo, no fim, o que penso que deveríamos ter considerado no início. Agora, para começar, não é verdade que havia cinco homens à volta da mesa. Eram seis.

As condições assustadoras daquela vigília de jardim voltaram vagamente sobre Paynter; e ele pensou em um fantasma, ou algo mais sem nome do que um fantasma. Mas o discurso propositado do detetive logo o iluminou.

- Havia seis homens e cinco cavalheiros, se assim o queres dizer - prosseguiu ele -. Aquele homem, Miles, o mordomo, viu o squire desaparecer tão claramente quanto você; e logo descobri que Miles era um homem digno de uma boa dose de atenção.

Surgiu uma luz de compreensão na cara do Paynter. - Então foi isso, foi isso! - murmurou ele.

- Será que todo o nosso mistério mitológico acaba com um policial a prender um mordomo? Bem, eu concordo com você, ele está longe de ser um mordomo comum, até mesmo aos olhos; e a falha na imaginação é minha. Como muitas falhas na imaginação, foi simplesmente esnobismo.

- Não vamos tão depressa como isso - observou o agente, de uma forma impassível -. Eu só disse que encontrei o inquérito apontando para Miles; e que ele era bem digno de atenção. Ele estava muito mais na confiança do velho squire do que muitas pessoas supunham; e quando eu o interroguei, ele me disse um monte de coisas que valia a pena saber. Tenho tudo isso aqui nestas notas; mas de momento só o incomodarei com um detalhe. Uma noite esse mordomo estava do lado de fora da porta do refeitório do squire, quando ele ouviu o barulho de uma violenta briga. O squire era um cavalheiro violento, de vez em quando; mas o curioso nesta cena era que o outro cavalheiro era o mais violento dos dois. Miles o ouviu dizer repetidamente que o squire era um embaraço público, e que a sua morte seria uma boa libertação para todos. Só paro agora para lhe dizer que o outro cavalheiro era o Dr. Burton Brown, o médico desta aldeia.

- O próximo exame que fiz foi o de Martin, o lenhador. Pelo menos num ponto, as suas provas são bastante claras e, como verá, são largamente confirmadas por outras testemunhas. Ele diz primeiro que o médico o impediu de recuperar o machado, e isto é corroborado pelo Sr. e pela Sra. Treherne. Mas ele diz ainda que o médico admitiu ter a coisa ele mesmo; e isto novamente encontra apoio em

outras evidências dadas pelo jardineiro, que viu o médico, algum tempo depois, vir sozinho e pegar o machado. Martin diz que o Dr. Brown se recusou repetidamente a entregá-lo, alegando sempre alguma desculpa fantasiosa. E, finalmente, Sr. Paynter, vamos ouvir as provas do próprio machado.

Ele colocou a ferramenta do lenhador sobre a mesa à sua frente, e começou a rasgar e desembrulhar a curiosa cobertura de pano à volta do cabo.

- Você vai admitir que esta é uma bandagem estranha - disse ele -. E isso é justamente a coisa estranha, trata-se mesmo de uma bandagem. Este material branco é o tipo de curativo que eles usam nos hospitais, cortado em tiras como estas. A maioria dos médicos mantém algumas; e eu tenho o testemunho de Jake, o pescador, com quem o Dr. Brown viveu por algum tempo, de que o médico tinha esse hábito útil. E, por último - acrescentou ele, abrandando um canto do pano sobre a mesa -, não é estranho que seja marcado com T.B.B.?

O americano olhou para as iniciais rudemente tingidas, mas mal as viu. O que ele viu, como em um espelho em sua memória obscurecida, foi a figura negra com as luvas pretas contra o pôr-do-sol vermelho-sangue, como ele tinha visto quando saiu do bosque, e que sempre o havia assombrado, ele não sabia por quê.

- Claro, eu entendo o que você quer dizer - disse ele -, e é muito doloroso para mim, pois eu conhecia e respeitava o homem. Mas certamente, também, está muito longe de explicar tudo. Se ele é um assassino, ele é também um mágico? Por que é que a água do poço evaporou toda numa noite e deixou os ossos do morto secos como pó? Isso não é uma operação comum nos hospitais, é?

- Quanto à água, nós temos a explicação - disse o detective -. Eu mesmo não me dei conta disso no início, sendo um interiorano; mas uma pequena conversa com Jake e o outro pescador sobre os velhos dias de contrabando me

esclareceu sobre isso. Admito, no entanto, que os restos secos ainda nos atormentam a todos. De qualquer forma...

Uma sombra caiu sobre a mesa, e a sua fala foi cortada bruscamente. Ashe estava de pé sob a placa pintada, vestido de preto, e com o rosto do juiz de enforcamento, do qual o poeta tinha falado, claro, desta vez sob a luz do sol. Atrás dele estavam dois grandes homens vestidos à paisana, muito quietos; mas Paynter soube instantaneamente quem eram.

- Temos de agir imediatamente - disse o advogado -. O Dr. Burton Brown está saindo da aldeia.

O alto detetive levantou-se e Paynter imitou-o instintivamente.

- Ele foi até o Treherne, possivelmente para se despedir - continuou Ashe rapidamente -. Lamento, mas temos de o prender lá no jardim, se necessário. Acho que mantive a senhora fora do caminho. Mas você - disse ao pintor paisagista fictício - deve subir imediatamente, armar aquele seu cavalete perto da mesa e ficar pronto. Seguiremos calmamente, e ficaremos atrás da árvore. Temos de ter cuidado, pois está claro que ele tem consciência de nós, senão não estaria tentando fugir.

- Eu não gosto deste trabalho - comentou Paynter, enquanto eles se dirigiam para o parque e jardim, com o detetive a avançar na frente.

- Você acha que eu gosto? - perguntou Ashe; e, de fato, seu rosto forte e pesado parecia tão enrugado e velho que os cabelos vermelhos se mostravam pouco naturais, como uma peruca ruiva -. Conheço-o há mais tempo do que você, embora talvez também suspeite dele há mais tempo.

Quando eles chegaram ao topo da encosta do jardim, o detetive já havia erguido seu cavalete, enquanto uma forte brisa soprava em direção ao mar, agitando e balançando seu equipamento, rebentando sobre sua bela (e falsa) barba ao vento. Pequenas nuvens enrugadas como penas, estavam a espalhar-se pela vegetação de muitas cores, que

o crítico de arte americano uma vez tinha observado numa manhã mais feliz; mas é duvidoso que o pintor de paisagens prestasse muita atenção a isso. Treherne era pouco perceptível na porta do que era agora a sua casa; ele não se aproximaria mais, pois odiava um dever público assim mais amargamente do que os outros. Os outros se afixavam um pouco atrás da árvore. Entre as linhas dessas baterias disfarçadas, a figura negra do médico podia ser vista atravessando o gramado verde, caminhando em linha reta, como uma bala, como ele havia feito quando trouxe a má notícia para o lenhador. Hoje ele estava sorrindo, sob o bigode escuro, recortado no lábio superior, embora eles o imaginassem um pouco pálido, e ele pareceu parar um momento e espreitar por meio de seus óculos para o artista.

O artista se virou de seu cavalete com um movimento natural, e então, em um flash, capturou o médico pelo colarinho do casaco.

- Eu te prendo... - ele começou; mas o Dr. Brown se soltou com uma rapidez surpreendente, deu um pulo voador no outro, arrancou a sua barba falsa, atirando-a no ar como uma das fintas naturais das nuvens; então, com um pontapé selvagem, mandou o cavalete voar de pernas para o ar, e fugiu como uma lebre para a praia. Mesmo naquele instante deslumbrante, Paynter sentiu que essa recepção selvagem era uma novidade surpreendente, e quase um anticlímax; mas não teve tempo para análises quando ele e toda a tropa tiveram que seguir na caçada; até mesmo Treherne ergueu a sua traseira com curiosidade e energia renovadas.

O fugitivo colidiu com um dos policiais que correu para enfrentá-lo, mandando-o pela encosta abaixo; de fato, o fugitivo parecia inspirado com a força de um macaco selvagem. Ele pulou a rampa das flores, sobre a qual Bárbara uma vez se inclinara para ver seu futuro amante, e caiu com velocidade ofuscante no caminho íngreme pelo qual aquele menestrel tinha subido. Concorrendo com o vento impetuoso, todos eles atravessaram o jardim em

seguida, pelo caminho e, finalmente, até a beira-mar, junto ao casebre do pescador, e os penhascos e cavernas perfurados que o americano havia admirado quando desembarcou pela primeira vez. O fugitivo, no entanto, não foi para a casa que ele há muito habitara, mas sim para o cais, como se tivesse a intenção de agarrar o barco, ou de nadar. Só quando chegou à outra extremidade do pequeno cais de pedra é que virou, e lhes mostrou o rosto pálido com os óculos; e eles viram que ainda estava sorrindo.

- Estou um pouco contente com isso - disse Treherne, com um grande suspiro -. O homem está louco.

No entanto, a naturalidade da voz do médico, quando ele falou, assustou-os como um grito penetrante.

- Cavalheiros - disse ele - não vou prolongar os seus penosos deveres perguntando o que vocês querem; mas vou pedir de imediato um pequeno favor, que não vai prejudicar esses deveres de forma alguma. Eu vim para cá com um pouco de pressa, talvez; mas a verdade é que eu achava que estava atrasado para um compromisso.

Ele olhou desapaixonadamente para o seu relógio. - Acho que ainda faltam uns quinze minutos. Esperem aqui comigo por esse curto tempo, depois do qual estarei ao seu dispor.

Houve um silêncio desconcertado, e então Paynter disse:

- Pela minha parte, sinto como se fosse realmente melhor fazer-lhe a vontade.

- Ashe - disse o médico, com uma nova nota de seriedade -, pela velha amizade, concede-me esta última pequena indulgência. Não fará diferença; não tenho braços nem meios de fuga; podes revistar-me se quiseres. Eu sei que você acha que está fazendo o bem, e também sei que o fará da maneira mais justa que puder. Afinal de contas, você tem amigos para ajudá-lo; veja o nosso amigo com a barba, ou os restos da barba. Por que eu não deveria ter um amigo para me ajudar? Um homem estará aqui dentro de alguns minutos, em quem eu deposito alguma confiança; uma

grande autoridade nestas coisas. Por que não, nem que seja por curiosidade, esperar e ouvir a sua opinião sobre o caso?

- Isso me parece tolice[38] - disse Ashe -, mas na hipótese de qualquer luz sobre as coisas - bem, da lua - não me importo de esperar um quarto de hora. Quem é este amigo, pergunto-me; algum detetive amador, suponho.

- Obrigado - disse o médico, com alguma dignidade -. Acho que vais confiar quando falares um pouco com ele. E agora - acrescentou ele com um ar de que iria tratar de assuntos mais leves - vamos falar sobre o assassinato.

- Este caso - disse ele de forma distinta - vai ser considerado, suspeito eu, bastante único. Há uma combinação muito clara e conclusiva de provas contra Thomas Burton Brown, em outras palavras, eu mesmo. Mas há uma peculiaridade sobre essa evidência, que vocês talvez tenham notado. Vem tudo de uma fonte única, e essa é pouco usual. Assim, o lenhador diz que eu estava com seu machado, mas o que o faz pensar assim? Ele diz que eu lhe disse que eu tinha o seu machado; que eu lhe disse isso repetidamente. Novamente, o senhor Paynter aqui puxou o machado para fora do poço; mas como? Acho que o Sr. Paynter vai testemunhar que eu lhe trouxe o equipamento para pescá-lo, equipamento que ele talvez nunca tivesse conseguido de outra forma. Curioso, não é? Mais uma vez, o machado é encontrado envolto em panos que estavam em minha posse, de acordo com o pescador. Mas quem mostrou o cabo ao pescador? Eu mostrei. Quem o marcou com letras grandes como as minhas? Fui eu. Quem o embrulhou no cabo? Fui eu. É uma coisa muito singular; alguém já explicou?

As suas palavras, que no início tinham sido ouvidas com uma frieza dolorosa, começavam a chamar cada vez mais a atenção deles.

- Então há o próprio poço, prosseguiu o médico, com o mesmo ar de calma insana. Suponho que alguns de vocês já

saibam pelo menos o seu segredo. O segredo do poço é simplesmente que ele não é um poço. Ele é propositadamente moldado no topo para parecer um, mas é, na verdade, uma espécie de chaminé, que se abre do telhado de uma daquelas cavernas ali; uma caverna que corre para o interior logo abaixo do bosque, e de fato está conectada por túneis e passagens secretas, com outras aberturas a quilômetros e quilômetros de distância. É uma espécie de labirinto, usado por contrabandistas e pessoas deste tipo, durante eras passadas. Isto sem dúvida explica muitos desses desaparecimentos de que ouvimos falar. Mas voltando ao poço que não é um poço, no caso de alguns de vocês ainda não saberem sobre ele. Quando o mar se eleva muito alto em certas estações, ele enche a caverna baixa, e até se eleva um pouco no funil acima, fazendo com que pareça mais do que nunca um poço. O barulho que o Sr. Paynter ouviu era o barulho natural de um quebra-mar exterior, e toda a experiência dependia de algo tão elementar quanto a maré.

O americano ficou assustado com a convencionalidade do discurso.

- A maré! - disse ele -. E eu nunca sequer pensei nisso! Acho que isso vem de viver junto ao Mediterrâneo.

- O próximo passo será suficientemente óbvio - continuou o orador - para uma mente lógica como a do Sr. Ashe, por exemplo. Se alguém perguntar por que, mesmo assim, a maré não lavou os restos mortais do squire que lá estavam desde o seu desaparecimento, só há uma resposta possível. Os restos mortais NÃO estavam lá desde o seu desaparecimento. Os restos tinham sido deliberadamente colocados lá na caverna, debaixo da floresta, e colocados lá DEPOIS do Sr. Paynter ter feito a sua primeira investigação. Foram colocados lá, em resumo, depois que o mar se retirou e a caverna estava novamente seca. Por isso estavam secos; claro, muito mais secos que a caverna. Quem os pôs lá, pergunto-me?

Ele estava olhando gravemente através de seus óculos sobre as vagas cabeças deles, e de repente sorriu.

- Ah - ele exclamou, saltando da rocha com entusiasmo - aqui está o detetive amador, finalmente!

Ashe virou a cabeça sobre o seu ombro, e por alguns segundos não a moveu novamente, mas ficou como se estivesse com o pescoço rígido. No penhasco logo atrás dele, estava uma das fendas na qual tudo parecia fissurado. Saindo desta para a luz do sol, como se fosse de uma porta estreita, estava o squire Vane, com um largo sorriso no rosto.

O vento soprava do alto do penhasco para o mar, passando por cima de suas cabeças, e eles tinham a sensação de que tudo mais estava passando por cima de suas cabeças, e fora de seu controle. Paynter sentiu como se sua cabeça tivesse sido arrancada, como um chapéu. Mas esse vendaval de irracionalidade parecia não mover um fio de cabelo da cabeça branca do squire, cuja postura, apesar de altiva e a beira da arrogância, parecia mais confortável do que nos velhos tempos. Seu rosto vermelho, porém, estava queimado como o de um marinheiro, e suas roupas leves tinham um aspecto desconhecido.

- Bem, senhores - disse ele genialmente - então este é o fim da lenda dos pavões. Desculpe estragar a história do viajante encantador, Sr. Paynter, mas a piada não podia ser mantida para sempre. Desculpe pôr um fim ao seu melhor poema, Sr. Treherne, mas eu pensei que toda esta poesia tinha ido um pouco longe demais. Então o Dr. Brown e eu arranjamos uma pequena surpresa para vocês. E devo dizer, sem vaidade, que vocês parecem um pouco surpreendidos.

- Que raios - perguntou finalmente Ashe - significa tudo isto?

O Squire riu agradavelmente, e mesmo um pouco apologético,

- Receio gostar de piadas práticas - disse ele -, e esta é a minha última grande piada prática. Mas quero que

entenda que a piada é realmente prática. Eu me lisonjeio que ela será de grande utilidade prática para a causa do progresso e do senso comum, e para a matança de tais superstições em todos os lugares. A melhor parte, admito, foi ideia do doutor e não minha. Tudo o que eu queria fazer era passar uma noite nas árvores, e depois aparecer tão fresco como tinta para dizer que vocês eram tolos. Mas o Dr. Brown aqui seguiu-me até à floresta, e tivemos uma pequena conversa que mudou bastante os meus planos. Ele me disse que um desaparecimento por algumas horas como esse nunca daria um golpe na cabeça dos disparates; a maioria das pessoas nunca ouviria falar disso, e aqueles que o fizessem diriam que uma noite não provaria nada. Ele me mostrou uma maneira muito melhor, que tinha sido tentada em vários casos em que milagres falsos tinham sido mostrados. A tarefa era fazer com que a coisa chegasse a ser realmente acreditada em toda parte como um milagre, e depois aparecesse em toda parte como um milagre falso. Não posso colocar todos os argumentos tão bem como ele, mas essa era a noção, acho eu.

O médico assentiu, olhando silenciosamente para a areia; e o squire retomou com um prazer não diminuído.

- Concordamos que eu deveria cair pelo buraco na caverna, e abrir caminho através dos túneis, onde eu costumava brincar quando menino, até a estação ferroviária a poucos quilômetros daqui, e lá pegar um trem para Londres. Era necessário para a brincadeira, é claro, que eu desaparecesse sem ser rastreado; então eu fiz meu caminho até um porto, e passei um ou dois meses muito agradáveis circulando por minhas velhas assombrações no Chipre e no Mediterrâneo. Não há mais nada a dizer sobre essa parte do negócio, a não ser que eu combinei estar de volta em um determinado momento; e aqui estou eu. Mas já ouvi o suficiente do que se passou por aqui para estar satisfeito por ter feito o truque. Todos na Cornualha, e a maioria das pessoas no sul da Inglaterra, já ouviram falar do

Squire Desaparecido; e milhares de miolos têm estado a assentir com a cabeça sobre cristais e cartas de tarô nesta maravilhosa prova de um mundo invisível. Acho que o Squire Reaparecido espalhará suas cartas e esmagará seus cristais, para que tal lixo não volte a aparecer no século XX. Vou fazer dos pavões o motivo de riso de toda a Europa e América.

- Bem - disse o advogado, que foi o primeiro a reorganizar o seu juízo -, tenho a certeza de que estamos todos muito contentes por lhe ver novamente, squire; e eu compreendo perfeitamente a sua explicação e os seus próprios motivos, muito naturais na matéria. Mas receio que ainda não tenha apanhado o jeito de tudo. Admitindo que queria desaparecer, foi necessário colocar ossos falsos na caverna, para quase colocar uma corda no pescoço do Dr. Brown? E quem os pôs lá? A afirmação pareceria perfeitamente maníaca; mas até onde posso fazer cabeça ou cauda de tudo, o próprio Dr. Brown parece tê-los colocado lá.

O médico levantou a cabeça pela primeira vez.

- Sim; eu pus os ossos lá - disse ele -. Creio que sou o primeiro filho de Adão que fabricou todas as provas de uma acusação de homicídio contra si próprio.

Era a vez do squire parecer espantado. O velho cavalheiro olhou de forma bastante desvairada de um para o outro.

- Ossos! Acusação de homicídio! - exclamou ele -. Que diabo é isto tudo? Ossos de quem?

- Seus ossos, por assim dizer - delicadamente admitiu o médico -. Tinha de me certificar que tinhas mesmo morrido, e não desaparecido por magia.

Squire, por sua vez, parecia mais desconcertado do que toda a multidão dos seus amigos por causa da sua própria escapadela.

- Por que não? - exigiu ele - Pensei que o objetivo era fazer com que parecesse magia. Por que queria tanto que

eu morresse?

O Dr. Brown tinha levantado a cabeça; e agora, muito lentamente, levantava a mão. Ele apontou com o braço esticado para a cabeceira do abismo, logo acima da entrada da caverna. Era a parte exata da praia onde Paynter tinha desembarcado pela primeira vez, naquela manhã de primavera, quando ele tinha olhado para cima, em sua primeira admiração aos pavões. Mas as árvores tinham desaparecido.

O fato em si não foi surpresa para eles; a limpeza tinha sido naturalmente uma das primeiras mudanças radicais do regime de Treherne. Mas, embora o soubessem bem, tinham-no esquecido completamente; e o seu significado voltou sobre eles subitamente, como um sinal no céu.

- Essa é a razão - disse o médico -. Tenho trabalhado para isso durante catorze anos.

Eles não mais olhavam para o promontório nu em que as árvores emplumadas outrora tinham sido uma visão tão familiar; pois eles tinham outra coisa para olhar. Quem visse agora o squire teria mudado a sua opinião sobre onde encontrar o lunático naquela multidão. Estava claro, num relance, que a mudança tinha caído sobre ele como um relâmpago; que ele, pelo menos, nunca tinha tido a mais selvagem noção de que a história do Squire Desaparecido tinha sido apenas um prelúdio para a das Árvores Desaparecidas. A meia hora seguinte foi cheia de seus delírios e aflições, que aos poucos foram se transformando em exigências de explicações e perguntas incoerentes que se repetiam uma e outra vez. Ele teve que ser, por fim, praticamente ignorado, apesar do respeito com que foi mantido, antes que algo como um espaço de silêncio fosse formado, no qual o médico pudesse contar sua própria história. Era talvez uma história singular, da qual só ele tinha tido o conhecimento; e embora a sua narração não fosse ininterrupta, ela pode ser apresentada consecutivamente nas suas próprias palavras.

- Em primeiro lugar, desejo que se entenda claramente que não acredito em nada. Nem sequer dou um nome ao nada em que acredito; ou deveria ser ateu. Eu nunca tive dentro de minha cabeça nem mesmo uma pitada de céu e inferno. Acho mais provável que sejamos vermes na lama; mas acontece que eu me lamento pelos outros vermes debaixo da roda. E acontece que eu mesmo sou uma espécie de verme que se transforma quando posso. Se eu não me preocupo com a piedade, preocupo-me menos com a poesia. Eu não sou como Ashe aqui, que está cheio de criminologia, mas tem todo tipo de outra cultura também. Eu não sei nada sobre cultura, exceto cultura de bactérias. Às vezes imagino que o Sr. Ashe é tão crítico de arte quanto o Sr. Paynter; só que ele procura seus heróis, ou vilões, na vida real. Mas eu sou um homem muito prático; e as minhas trilhas de avanço têm sido simplesmente fatos científicos. Nesta aldeia, encontrei uma febre. Não consegui classificá-la; parecia peculiar a este canto da costa; tinha reações singulares de delírio e colapso mental. Estudei-a exatamente como se fosse um caso estranho no hospital, correspondi e comparei notas com outros homens da ciência. Mas ninguém tinha sequer uma hipótese de trabalho sobre isso, exceto, claro, o campesinato ignorante, que dizia que os pavões eram, de alguma forma, venenosos.

- Bem, os pavões eram venenosos. Os pavões produziram mesmo a febre. Eu verifiquei o fato da maneira que era necessário, comparando todos os graus e detalhes de um vasto número de casos; e havia um número chocante para comparar. No final, eu tinha descoberto a coisa como Harvey[39] descobriu a circulação do sangue. Todo mundo que chegava perto delas ficava mal; aqueles que se saíram melhores foram exatamente as exceções que provaram a regra, pessoas anormalmente saudáveis e enérgicas como o squire e sua filha. Em outras palavras, os camponeses

estavam certos. Mas se eu colocar dessa maneira, alguém vai dizer: "Mas você acredita que era sobrenatural, então?" Na verdade, é isso que todos vocês vão dizer; e é exatamente disso que eu me queixo. Eu imagino que centenas de homens foram deixados a morrer, e doenças permanecem desconhecidas, por esta superstição estúpida, por este parvo medo do medo. A menos que você veja a luz do dia através da floresta de fatos desde o início, você não vai se aventurar na mata de forma alguma. A menos que possamos prometer-lhes de antemão que haverá o que vocês chamam de explicação natural, para salvar a preciosa dignidade dos milagres, vocês não ouviriam nem mesmo o início do simples conto. Suponha que não haja uma explicação natural! Suponha que haja, e nós nunca a encontraremos! Suponha que eu não tenha noção se existe ou não! Que diabos tem isso a ver com vocês, ou comigo ao lidar com os fatos que eu conheço? Meu próprio instinto é pensar que existe; que se minhas pesquisas pudessem ser repetidas o suficiente, constatar-se-ia que alguma paródia horrível da febre do feno, algum efeito análogo ao do pólen, explicaria todos os fatos. Eu nunca encontrei a explicação. O que eu encontrei são os fatos. E o fato é que aquelas árvores ali no topo lidavam com a morte, à direita e à esquerda, como se fossem gigantes, de pé numa colina e derrubando homens em multidões com um taco. Será dito que agora eu só precisava apresentar minhas provas e mandar remover o incômodo. Talvez eu pudesse ter convencido o mundo científico finalmente, quando mais e mais procissões de homens mortos tivessem passado da aldeia para o cemitério. No entanto, eu não tinha que convencer o mundo científico, mas o Senhor do Casarão. O squire vai perdoar-me por dizer que foi uma coisa muito diferente. Eu tentei uma vez; perdi a calma, e disse coisas que não defendo; e deixei os preconceitos do squire enraizados de novo, como as árvores. Fui confrontado com uma colossal coincidência que foi um obstáculo a todos os

meus objetivos. Uma coisa fez toda a minha ciência parecer um disparate. Era a lenda popular.

- Squire, se houvesse uma lenda da febre do feno, você não acreditaria na febre do feno. Se houvesse uma história popular sobre o pólen, diria que o pólen era apenas uma história popular. Eu tinha algo contra mim mais pesado e sem esperança do que a hostilidade dos sábios; eu tinha o apoio dos ignorantes. Minha verdade estava desesperadamente enredada em uma história que os instruídos estavam decididos a considerar como sendo inteiramente uma mentira. Eu nunca mais tentei explicar; pelo contrário, pedi desculpas, me converti à visão de bom senso e observei os acontecimentos. E o tempo todo as linhas de um plano maior, mais tortuoso, começaram a ficar mais claras em minha mente. Eu sabia que a Srta. Vane, fosse ou não casada com o Sr. Treherne, como depois descobri que ela era, estava tão sob sua influência que o primeiro dia de sua herança seria o último dia das árvores venenosas. Mas ela não podia herdar, ou mesmo interferir, até a morte do squire. Tornou-se simplesmente evidente, para uma mente racional, que o squire tinha de morrer. Mas buscando ser humano, além de racional, eu desejava que a sua morte fosse temporária.

- Sem dúvida, meu esquema foi completado por um capítulo de acidentes, mas eu estava atento a tais acidentes. Assim, tive uma premonição de como o machado figuraria no conto quando foi atirado às árvores pela primeira vez; teria surpreendido o lenhador saber quão perto estavam nossas mentes, e como eu estava apenas colocando um cerco mais elaborado às torres da pestilência. Mas quando o squire apressou-se espontaneamente no que metade do campo chamaria de morte certa, eu aproveitei a minha oportunidade. Segui-o, e disse-lhe tudo o que ele lhe disse. Suponho que ele nunca me perdoará agora, mas isso não me impedirá de dizer que o admiro muito por ser o que as pessoas chamariam de lunático e o que é realmente um

espírito esportivo. É preciso um homem grande para fazer uma piada de grande estilo. Ele desceu tão rápido da árvore que não teve tempo de tirar o chapéu do ramo em que ele tinha se prendido.

- No início descobri que tinha feito um erro de cálculo. Pensei que seu desaparecimento seria tomado como sua morte, pelo menos depois de algum tempo; mas Ashe me disse que não poderia haver formalidade sem um cadáver. Temo ter ficado um pouco irritado, mas logo me coloquei no dever de fabricar um cadáver. Não é difícil para um médico conseguir um esqueleto; de fato, eu tinha um, mas a determinação do Sr. Paynter chegou um dia antes do previsto para mim, e só consegui os ossos no poço quando ele já o tinha encontrado. Sua história me deu outra chance, observei onde o buraco estava no chapéu, e fiz um buraco precisamente correspondente no crânio. A razão para criar as outras pistas pode não ser tão óbvia. Talvez ainda não seja totalmente aparente para vocês que eu não sou um demônio em forma humana. Eu não poderia fundamentar um assassinato sem pelo menos sugerir um assassino, e eu estava decidido que se o crime fosse rastreado a alguém, deveria ser a mim. Portanto, não me surpreende que tenham ficado intrigados com o propósito do trapo à volta do machado, porque não tinha qualquer propósito, a não ser incriminar o homem que o colocou lá. A perseguição tinha que terminar comigo, e quando finalmente se fechava, a piada era demais para mim, e receio ter tomado liberdades com o cavalete e a barba do cavalheiro. Eu era a única pessoa que podia arriscar, sendo a única pessoa que podia, no último instante, apresentar o squire e provar que não tinha ocorrido nenhum crime. Essa, cavalheiros, é a verdadeira história dos pavões; e aquele penhasco nu lá em cima, onde o vento assobia como sobre um deserto, é um lugar de restos que eu trabalhei para fazer, como muitos homens trabalharam para fazer uma catedral.

- Acho que não há mais nada a dizer, e ainda assim algo se move no meu sangue e vou tentar dizê-lo. Você não poderia ter confiado um pouco nesses camponeses em quem já confia tanto? Estes homens são homens, e eles significavam algo; até mesmo seus pais não eram totalmente tolos. Se o teu jardineiro te falasse das árvores, o chamava de louco, mas ele não planejava e cultivava o seu jardim como um louco. Você não confiou no teu lenhador em relação a essas árvores, mas confiou nele com todas as outras. Já pensou como seria todo o trabalho do mundo se os pobres fossem tão insensatos como você os acha? Mas não, você manteve o seu princípio racional. E o seu princípio racional era que uma coisa deve ser falsa porque milhares de homens acreditavam que ela era verdadeira; que PORQUE muitos olhos humanos tinham visto algo, aquilo não poderia estar ali.

Ele olhou para Ashe com uma certa dose de contestação, mas apesar de o vento do mar ter balançado a juba vermelha do velho advogado, a sua máscara napoleônica não foi abalada; ela tinha até uma espécie de beleza, em sua nova benignidade.

- Estou muito feliz agora ao pensar o quanto me enganei - respondeu ele -, discordando de você, doutor, acerca de nossas teorias. E, no entanto, em justiça ao squire, assim como a mim mesmo, eu deveria me conformar com a sua conclusão arrebatadora. Respeito estes camponeses, respeito a sua consideração por eles; mas as suas histórias são um assunto diferente. Acho que faria qualquer coisa por eles, menos acreditar neles. A verdade e a fantasia, afinal, estão misturadas neles, quando nos mais instruídos elas estão separadas; e duvido que você tenha considerado o que estaria envolvido em acreditar na palavra deles para qualquer coisa. Metade dos fantasmas daqueles que morreram de febre já podem estar caminhando; e por mais bondosas que sejam essas pessoas, acredito que ainda possam queimar uma bruxa. Não, doutor, admito que essas

pessoas têm sido mal usadas, admito que são, em muitos aspectos, nossos melhores amigos, mas ainda não poderia aceitar nada em suas declarações.

O médico fez uma reverência séria e respeitosa, e então, pela última vez naquele dia, eles viram seu sorriso um tanto sinistro.

- Muito bem - disse ele -, mas vocês teriam me enforcado com base no testemunho deles.

E, virando-lhes as costas, como se fosse mecanicamente, pôs o rosto em direção à aldeia, onde durante tantos anos tinha feito a sua ronda profissional.

FIM

Deixe seu comentário na Amazon, me ajude a melhorar e divulgar este texto.

Inscreva-se na lista de e-mails, para receber novidades sobre novas traduções ou lançamentos:
https://bit.ly/listaferretti

---

[1] Não há uma tradução exata para este termo, por isso manteve-se a palavra original. *Squire* é o nome dado ao principal proprietário de terras de uma determinada vila ou distrito. Todas as notas são do tradutor.

[2] Uso da expressão “standing on his head” como jogo linguístico com a expressão “hard-headed”.

[3] Região da costa sudeste da Grã-Bretanha que possui ainda resíduos de uma língua autóctone denominada “córnica”. O termo “córnico” é utilizado, nesta tradução, para tratar dos membros desta etnia, ou moradores da região.

[4] Merlin é um personagem das lendas do rei Artur, atuando como seu conselheiro. Era famoso por suas habilidades mágicas e capacidade profética. Suas primeiras aparições na literatura datam do século XII.

[5] “Anel de Fadas” é o nome dado a formação circular pela qual certos cogumelos, em algumas regiões, se instalam no chão. Por aparentar um círculo feito conscientemente, este fenômeno é parte do folclore de várias populações.

[6] Referência à parábola do Joio e do Trigo, em Mateus 13.

[7] John Ruskin (1819-1900) e Walter Horatio Pater (1839-1894) foram dois célebres ensaístas ingleses, preocupados especialmente com o campo da arte.

[8] Referência a um apelido de William Shakespeare (1564-1616), nascido na cidade de Stratford-upon-Avon, famosa por seus cisnes.

[9] Um menestrel é um tipo de ramo artístico medieval, caracterizado pelo canto ou pela recitação de poemas. Estes artistas estão ligados a uma tradição de oralidade popular, e contavam histórias místicas e fantásticas.

[10] Referência aos espetáculos de menestréis, comuns nos Estados Unidos, mas que recebiam também a atenção dos ingleses, entre o final do século XIX e o início do XX. Um dos elementos do *Minstrel Show* era a realização da pintura facial, de todos ou alguns dos artistas, com tinta preta. Realizava-se, portanto, o que chamamos de *blackface*. Os personagens com rostos pintados eram, em geral, alvos da maior parte das piadas e cenas cômicas.

[11] Região costeira do Norte do continente africano.

[12] Também chamado de Egeão, é um personagem da mitologia grega, filho de Urano e Gaia, que se caracterizava por possuir cem braços e cinquenta cabeças.

[13] “*Ex*”, em latim, pode indicar origem, e neste caso traduz-se por “da”. Assim: “Da África”.

[14] Personagem fictício de origem africana, que aparece nos contos de Joel Chandler Harris, publicados primeiramente em 1881. Harris adaptou histórias da cultura popular afro-americana.

[15] “Vane”, nome do personagem, pode ser traduzido por “cata-vento”, literalmente.

[16] Referência ao versículo 24 do capítulo 8 do livro de Marcos.

[17] Em inglês “mulberry bush”, cantiga tradicional na Inglaterra. Utilizamos uma cantiga de roda conhecida pelos brasileiros, para efeitos de compreensão.

[18] Em inglês “Parthian Schaft”. Refere-se a uma manobra militar realizada pelos persas ao bater em retirada: os guerreiros viravam-se enquanto cavalgavam, para lançar flechas contra os inimigos.

[19] O uso da expressão “say”, que se traduz por “diga”, é comum nos Estados Unidos, e considerado aqui, por Chesterton, como uma mania americana.

[20] Por “Clube dos Treze” o autor faz referência a um grupo de pessoas, fundado pelo capitão William Fowler, em Nova Iorque. A ideia central do grupo era desafiar superstições: ao décimo terceiro dia de cada mês, reuniam-se, quebrando espelhos e passando por baixo de escadas. O próprio número de

componentes do clube estava ligado a uma superstição: alguns acreditavam que, quando treze pessoas jantavam juntas, uma delas morreria em breve.

[21] *A Midsummer Night's Dream* é uma comédia escrita por William Shakespeare em fins do século XVI.

[22] "Wine-dark sea" é a tradução mais comum de uma expressão usada por Homero para descrever a coloração das águas de uma região que ainda não foi definida com precisão pelos estudiosos.

[23] Colman's é uma marca de mostarda criada em 1814, na Inglaterra. Chesterton brinca com o termo "mustered", que pode significar "reunidos", e o termo "mustard", que é a palavra inglesa para mostarda.

[24] "The darkest hour before the dawn" é uma expressão popular, anotada textualmente já em 1650, por Thomas Fuller, em *A Pisgah-Sight Of Palestine And The Confines Thereof*. A expressão completa em Fuller é: "It is always darkest just before the Day dawneth", que Podemos traduzir por "É sempre mais escuro logo antes de amanhecer".

[25] Hampton Court é um antigo palácio real localizado em Londres, na Inglaterra. Ele possui, em seus jardins, um labirinto bastante antigo, que remonta o século XVII. Existem lendas que atribuem a presença de fantasmas no palácio e em seu labirinto.

[26] Referência ao texto de John Keats, poeta romântico inglês. A expressão é retirada da obra *On First Looking into Chapman's Homer*.

[27] Rei da Inglaterra, Escócia e Irlanda, de 1625 até 1649, quando foi decapitado em praça pública.

[28] Referência ao texto de Ezequiel 37:3.

[29] No original: "and the water *jumping* out of the well is not an explanation of the poet *jumping* out of the wood". Chesterton brinca com os múltiplos significados do termo *jumping*.

[30] É provável que haja um erro na fonte desta tradução, e a frase não seja precedida por "não". As fontes alternativas conferidas mantém o termo "not", e algumas o destacam, apontando o possível erro.

[31] O termo utilizado aqui, nas duas vezes em que "loucura" aparece, é *moonshine*, ou "brilho da lua", que pode significar também "tolice" ou "fantasia". Chesterton brinca com os múltiplos significados da expressão, e cria uma associação com a "lua-de-mel", ou *honeymoonshine*.

[32] Jogo linguístico que é esvaziado pela tradução. No original: "You talk as if a murderer could be caught red-haired instead of red-handed [...]". Chesterton brinca com os termos "red-haired", que se traduz por "ruiva", ou "de cabelos vermelhos", e "red-handed", que pode ser traduzido por "flagrante" ou "mãos manchadas com sangue". Diz-se que o termo deriva da legislação contra a caça nas florestas reais no século XVIII. O indivíduo que fosse achado nestas áreas com suas mãos manchadas de vermelho, estaria cometendo um crime.

[33] Distrito da região de Londres.

[34] *Fool's Paradise*, no original. O termo indica um estado de felicidade pautado em uma esperança falsa, ou inconsistente.

[35] Nascido em 1819 e morto em 1892, foi um poeta norte-americano.

[36] *Scotland Yard* é o nome vulgar da Polícia Metropolitana de Londres.

[37] O Calendário Newgate era uma espécie de boletim mensal de execuções, e ao longo de sua história passou a servir para registrar também crimes bárbaros, especialmente praticados por psicopatas.

[38] Mais uma vez, em inglês, "*This seems all mooshine*", daí a expressão "bem, da lua".

[39] William Harvey (1578-1657) foi um médico britânico, pioneiro na descrição da circulação sanguínea.

Agradecimentos

Obrigado por ler esta tradução!

Deixe seu comentário na **Amazon** e me ajude a melhorar e divulgar este texto. **Inscreva-se** na lista de e-mails, para receber novidades sobre novas traduções ou lançamentos: https://bit.ly/listaferretti.